

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SANDRO RAMOS PAIVA

**A VIOLÊNCIA PRATICADA PELOS ALUNOS CONTRA OS
DOCENTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO ESTADO DE MATO
GROSSO DO SUL**

Dourados-MS
2020

SANDRO RAMOS PAIVA

**A VIOLÊNCIA PRATICADA PELOS ALUNOS CONTRA OS
DOCENTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO ESTADO DE MATO
GROSSO DO SUL**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Linha de Pesquisa: Processos Cognitivos e Comportamentais.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Levandoski

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

P149v Paiva, Sandro Ramos
A VIOLÊNCIA PRATICADA PELOS ALUNOS CONTRA OS DOCENTES DA REDE
PÚBLICA DE ENSINO DO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL [recurso eletrônico] /
Sandro Ramos Paiva. -- 2020.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Prof Dr^o Gustavo Levandoski.
Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Violência. 2. ensino Público. 3. Violência escolar. 4. professores. I. Levandoski, Prof Dr^o
Gustavo. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

SANDRO RAMOS PAIVA

**A VIOLÊNCIA PRATICADA PELOS ALUNOS CONTRA OS DOCENTES DA REDE
PÚBLICA DE ENSINO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA:

Prof.^a Dr.^a Jaqueline Batista de Oliveira Costa
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
Membro Titular da Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcelo José Taques
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
Membro Titular Externo da Banca Examinadora

Prof. Dr. Gustavo Levandoski
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
Professor Orientador – Presidente da Banca Examinadora

Dourados-MS, março de 2020

Dedico este trabalho de dissertação aos docentes da rede pública de ensino do estado de Mato Grosso do Sul, que se dedicam a oferecer um ensino de qualidade às crianças e aos jovens, apesar de toda adversidade enfrentada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus; aos meus pais, ao meu filho, que sempre me apoiaram. Agradeço ao meu orientador, professor doutor Gustavo Levandoski, à professora doutora Jaqueline Batista de Oliveira Costa e ao professor doutor Marcelo José Taques, pela compreensão, paciência e dedicação para as correções desta pesquisa. Aos professores e coordenadores do curso de pós-graduação em Psicologia, pela dedicação, e por também contribuírem para a construção do conhecimento teórico e prático.

Ao meu irmão e amigos que me incentivaram nessa caminhada.

A todos que torceram pelo meu sucesso.

RESUMO

Conceituar violência nas escolas é muito difícil. Entretanto, apesar das dificuldades, é possível prever a incidência de violência contra o professor, estabelecendo-se parâmetros, sendo diretamente proposto, por dados reais de escolas públicas, através de dados estatísticos, para se descobrir os motivos que causam a violência. Por se tornar um tema polêmico e preocupante no país, o objetivo desta pesquisa é discutir ações e atos que levam à violência nas escolas no período contemporâneo – a violência praticada pelos alunos contra os docentes na rede pública de ensino no estado de Mato Grosso do Sul. As metodologias utilizadas para elaboração deste trabalho foram de revisão bibliográfica e pesquisa em campo, com aplicação de um questionário contendo questões fechadas e abertas, com 204 professores, em 20 escolas públicas de 9 cidades de Mato Grosso do Sul. Para realizar a verificação das respostas dos professores, utilizamos como procedimento metodológico o SPSS. Os resultados demonstram que a faixa etária que mais pratica violência contra o professor é de 12 a 15 anos, totalizando 52,28%; violência de âmbito emocional 22,01%; violência física 13,76%; violência física considerada crime teve um percentual de 10,09%; violência física indireta 14,67%; e violência caracterizadas como verbal 35,78%. Concluimos que, violência diante da ação e descrição fornecidas pelos entrevistados, dentre os tipos de violência, tais como emocional, física, verbal, sexual e patrimonial, obtém-se um resultado maior nas violências verbais. De acordo com 40,27% dos entrevistados, as famílias são apresentadas como o centro do problema, seja pela falta da presença dos pais na vida dos filhos, de conscientização e de estrutura familiar. A solução para a resolução dessas violências está na responsabilidade, no envolvimento e na dedicação das famílias e do seio escolar.

Palavras-chave: Violência, ensino público, violência escolar, professores.

ABSTRACT

Conceptualizing violence in schools is very difficult. However, despite the difficulties, it is possible to predict the incidence of violence against the teacher, establishing parameters, being directly proposed by real data from public schools, using statistics to discover the reasons that cause the violence. As it becomes a controversial and worrying topic in our country, the objective of this research is discuss actions and acts that lead to violence in schools in the contemporary period, practiced by students against teachers in the public school system in the State from Mato Grosso do Sul. The methodologies used to prepare this work were bibliographic, field research, with the application of a questionnaire containing closed, and open questions, 204 teachers in 20 public schools in 9 cities in Mato Grosso do Sul. To analyze the responses of the teachers, we used SPSS as a methodological procedure. The results show that the age group that most practices violence against teachers is 12 to 15 years old, with 52.28%; emotionally-based violence was categorized by 22.01%; physical violence directly represented by 13.76%; Physical violence represented by 10.09%; Indirect physical violence, being 14.67%; The violence characterized in verbal form percentage of 35.78%. It is concluded that, among the types of violence developed on this theme, the action and description given by the interviewees demonstrate that among the types of violence, such as emotional, physical, verbal, sexual and patrimonial, a greater result is obtained verbal violence. Totaling the percentage of 40.27%, they present families as the center of the problem, the lack of parents' presence in their children's lives, awareness and family structure. The solution to resolve these violence lies in the responsibility, involvement and dedication of families and the school bosom.

Keywords: Violence, public education, school violence, teacher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PARTE 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1. Problemática	13
2. Objetivos	15
2.1 Objetivos gerais.....	15
2.2 Objetivos específicos.....	15
3. Justificativa	15
4. Revisão de Literatura	18
4.1 Conceituando violência e suas causas	20
4.1.1 Definições de violência	22
4.1.2. As causas da violência contra os professores	25
4.2 Violência e escola.....	28
4.3 A violência e o ambiente escolar.....	29
4.4 Tipos de violência.....	32
4.5 A violência contra os professores.....	35
PARTE 2 – METODOLOGIA E COLETA DE DADOS	40
5. Metodologia	40
5.1 Definição do tipo de pesquisa.....	41
5.2 Caracterização e critérios de seleção dos participantes.....	41
6. Coleta de dados	42
6.1 Instrumentos de pesquisa.....	43
6.2 Análises de dados.....	45
6.3 Questões éticas.....	45
PARTE 3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
7. Resultados	46
8. Discussão	59
8.1 Idades escolares.....	61
8.2 Violências diretas e indiretas.....	64
8.3 Tipos de violências.....	66

8.3.1	Violência física.....	66
8.3.2	Violência verbal.....	67
8.3.3	Violência patrimonial.....	70
8.3.4	Violência (crime)	71
8.3.5	Violência sexual (assédio)	73
8.4	Inseguranças no ambiente escolar.....	76
 CONCLUSÃO.....		78
REFERÊNCIAS		80
APÊNDICE.....		88
ANEXO I.....		91
ANEXO II		92

INTRODUÇÃO

A violência escolar é um assunto muito preocupante que, além de trazer sérios prejuízos para o ambiente escolar, tem fragilizado os professores, levando-os a prejuízos e danos, além de doenças, tanto física como mental. Os docentes têm provado desse mal que, na contemporaneidade, se propaga nas instituições escolares de forma tão rápida e avassaladora. A violência praticada dentro das instituições escolares, além de gerar medo e insegurança, prejudica o processo de ensino-aprendizagem.

Atualmente, pesquisadores buscam alertar sobre esse assunto que escola tem se ampliado, principalmente nas escolas públicas, chamando atenção da mídia, a ponto de destacar a urgência como objeto de estudo. Abramovay (2015, p. 7) procura estudar a violência com atenção e conceitua o tema com grande apreensão. A violência nas escolas constitui fenômeno preocupante, de um lado, pelos efeitos sobre aqueles que a praticam, os que sofrem e os que testemunham, e, de outro, por uma sociedade calada e governada por gestores omissos, os quais não prestam a devida atenção de que a realidade atual merece.

Para Silva & Silva (2018), ao pesquisarem sobre o assunto, os estudiosos procuram discorrer sobre a violência escolar no enfoque de atos e ações que levam à violência física, e outros acabam somente por discorrer sobre a violência verbal e agressões entre alunos. Nesse sentido, este trabalho apresenta uma reflexão mais ampla, que propõe considerações sobre a violência praticada pelos alunos contra os docentes na rede pública de ensino no Estado de Mato Grosso do Sul.

Esse comportamento agressivo no ambiente escolar gera insegurança e medo. A escola deve ser um ambiente prazeroso, onde aqueles que a frequentam tenham acesso à aprendizagem e ao conhecimento, permeados por uma boa relação aluno-professor. No entanto, não é o que ocorre, principalmente em relação aos profissionais da educação, que adoecem no ambiente escolar e se afastam, uma vez que a exposição à violência gera problemas de saúde mental. Além de conviverem em ambiente extremamente estressante, os docentes precisam lidar com a precariedade e o sucateamento das estruturas escolares, o que traz desmotivação, stress, insatisfação com a profissão, contribuindo para problemas de ordem mental. Percebe-se que a violência escolar como tema atual vem sendo objeto de investigação por vários autores conceituados, que estão preocupados com a realidade da violência no ambiente escolar, principalmente por parte dos professores que estão no cotidiano da escola e fazem parte do dia a dia da comunidade escolar.

Há uma grande preocupação nos estudos voltados para a violência de alunos contra professores e também de professores contra alunos. Esses estudos são muito destacados e, a partir disso, os autores que pesquisam sobre o tema passaram a ter um olhar mais atento sobre o assunto, visto que a incidência de violência que os alunos praticam contra os professores vem se ampliando. Dentre os poucos autores renomados que apresentam conceitos fundamentados em base científica, temos Oliveira (2014), que, ao discorrer sobre a violência, apresenta que os docentes vivenciam e estão sendo alvo de agressões no ambiente escolar. A falta de respeito, a indisciplina, as ameaças, as calúnias, a depredação são efeitos marcantes para os docentes na escola e esse ambiente negativo dificulta o processo ensino-aprendizagem.

Em uma revisão bibliográfica sobre o tema, utilizando os descritores “Violência contra os professores”, no Banco da Capes, aparece 1 artigo e 1 dissertação de mestrado. O artigo é intitulado “Violência contra o professor nas representações docentes” (Soares & Machado, 2014), e a dissertação de mestrado “Produção de violências em relação a professores em uma escola de Serra – ES” (Ferreira, 2017).

O artigo procurou investigar sobre a representação dos docentes frente à violência em escolas públicas e privadas do Recife, através da teoria de Moscovici, com 20 professores em 10 escolas públicas e 10 escolas privadas, ao passo que, na dissertação de mestrado encontrada, a autora investiga a frequência e os eventos violentos praticados por alunos contra professores de uma escola, por meio da coleta de dados de 6 professores.

Por sua vez, a presente pesquisa procura analisar e refletir ações e atos que levam a violência nas escolas no período contemporâneo, abordando reflexões sobre a violência praticada pelos alunos contra os docentes na rede pública de ensino no estado de Mato Grosso do Sul. Demonstramos, através da aplicação de um questionário contendo respostas fechadas e abertas, os tipos de violências que existem, a ação e a descrição dada pelos entrevistados, bem como os tipos de violência mais comuns: emocional, física, verbal, sexual e patrimonial, e obtém-se um resultado maior nas violências verbais.

Dentre os resultados das agressões verbais, a mais acusada pelos entrevistados é a agressão verbal através de palavras de baixo calão, como xingamentos realizados pelos alunos. Entre as violências patrimoniais, os objetos que são o maior alvo, na opinião dos entrevistados, são os carros, que têm as latarias riscadas e os pneus furados ou murchos. Analisando-se os crimes, que por lei se tornam ainda atos mais sérios, as ameaças com arma branca (faca ou estilete) estão em primeiro lugar, apresentadas pelos professores entrevistados.

Coloca-se em questão a extorsão feita pelos alunos. Na visão do professor, é no momento do conselho de classe que ele se torna autoridade, com o poder de reprovar ou aprovar o aluno naquele ano letivo. A intimidação física aparece como primeira colocada nas respostas do questionário. O medo de sofrer represálias é representado por brigas de alunos, violência sexual — que também ocorre por meio dos bilhetes, cantadas indiretas, elogios desnecessários, insinuação, frases inadequadas e gestos sobre o corpo — cometidas com maior ocorrência pelos alunos, de acordo com o questionário. A insegurança no ambiente escolar é grande, assim como do lado de fora, de modo que metade dos entrevistados já pediu ajuda para as autoridades policiais.

Por se tratar de um assunto de expressiva tensão para a sociedade, cuja temática é pouco explorada, um estudo voltado para a violência contra o professor torna-se relevante. Para interpretar a violência de forma mais acurada, a investigação de aspectos relacionados à violência contra o professor poderá ajudar a refletir sobre estratégias da violência desencadeadas no ambiente escolar.

Os capítulos aqui apresentados trazem especial atenção sobre o tema, e o leitor terá um panorama da realidade sob a qual os docentes estão expostos diariamente para cumprir o ato de ensinar.

Esta pesquisa foi organizada com foco para o entendimento da violência escolar. Os tópicos estão divididos entre três partes: Parte 1 – Fundamentação teórica; Parte 2 – Metodologia e coleta de dados; e Parte 3 – Análise, resultados e discussão.

No quarto tópico da Parte 1, temos a “Revisão de literatura”, em que foi realizada uma revisão de literatura sobre o tema proposto neste trabalho, procurando compreender a violência contra os professores e suas múltiplas manifestações que ocorrem no cotidiano da sala de aula, como as diversas situações e momentos que passam em seu dia a dia. Em seguida, no primeiro subitem, apresentamos os conceitos dos termos violência, violência e escola, violência e ambiente escolar, tipos de violências e violência contra professores.

A definição de violência é algo complexo de atenuar. O termo expressa o ato de violar outrem ou de se violar (*violentia*). A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o termo como “Uso da força física ou do poder”. Alguns autores, como Abramovay e Pinheiros (2003), acreditam que é um problema social e está em constante mutação. Por estar em constante mutação, se torna necessário pesquisar o termo **violência**. Outro fato interessante é que esse termo era usado no singular e atualmente existem vários tipos de violências, podendo ser usado no plural: “violências”.

Ao abordarmos sobre a “Violência e escola”, observamos no segundo subitem que a escola passou (e ainda passa) por diversos conflitos nesses últimos anos, relacionados à violência. É um problema agravante e que se desloca diariamente nas relações interpessoais. A violência tem criado formas que atingem o público discente e docente, trazendo uma série de complicações físicas e psicológicas para quem sofre com esse mal.

O terceiro subitem, “Violência e ambiente escolar”, demonstra que a violência está presente escola dentro do espescolar, atingindo a todos que fazem parte dessa instituição: discentes, docentes e corpo pedagógico. Traz que as violências ocorridas no ambiente escolar atingem atualmente os professores. Sobre este fato, autores como Soares & Machado (2013); Núñez (2015); Matos, Viana & Gurgel (2012); Soares & Machado (2014); Silva & Bernatt (2014); Pereira (2016); e Araújo (2016) concluem que a violência contra os professores parte do pressuposto de que as condições de trabalho, como tipo de vínculo de trabalho temporário e número de escolas em que atuam, apresentaram associação significativa com a violência física. A escola, na atualidade, tem sido desencadeadora de violência contra funcionários e diretores, que são coagidos por fazerem seu trabalho.

O quarto subitem mostra os tipos de violências que ocorrem no espaço escolar, principalmente as direcionadas aos professores. A violência física, caracterizada pelo uso da força, com o desejo de ferir, causar dor ou até mesmo levar à morte, vem acompanhada pela violência verbal. Definimos a violência física e depois a violência verbal, em que Lobato (2016) destaca esse tipo de violência como sendo a mais grave, por prejudicar o aspecto psicológico da pessoa. Ainda nesse subitem, é demonstrado que os professores sofrem as violências física, verbal, indireta e psicológica, sendo essa última imperceptível, podendo causar transtornos psicológicos. O subitem procura compreender que toda violência praticada pelos alunos está na estrutura familiar e no próprio sistema atual como gerador de violência, principalmente quando discrimina e apoia atos de violência.

O quinto subitem trata sobre a violência contra os professores, com algumas pesquisas realizadas por alguns autores, que demonstram grande preocupação como o tema. As pesquisas procuram analisar as múltiplas formas de violências que sofreram os professores. O subitem ainda traz uma nova forma de configuração de violência praticada pelos alunos contra os professores: o *cyberbullying*.

Em seguida, temos as demais partes da pesquisa, em que apresentamos a metodologia utilizada, o processo da coleta de dados, a análise, os resultados, a discussão centrada nos tipos de violência e as considerações finais da dissertação.

PARTE 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Problemática

A violência é vista como um mal que assombra as populações em diversos países, de modo que milhões de pessoas convivem e sofrem com esse mal. violência. Essa prática maldosa persegue a humanidade desde seus primórdios e levam o medo e a insegurança aos habitantes desses lugares violentos. A violência não tem forma, nem corpo, e não escolhe quem quer atingir; assim, todas as pessoas estão propensas, em seu caminho, a sofrer esse mal e, nesse sentido, é notável entender que as violências físicas estão presentes na história desde os primórdios dos tempos.

A violência foi ganhando corpo e forma no decorrer da história, alcançando outros níveis, atingindo não somente o “outro”, mas instituições, como as práticas escolares, no âmbito da escola. Além de ser um agenciador de aprendizagem, a escola é também um campo em constante movimento, que gera violências, que se configuram e se transformam na violência que ficou conhecida como escolar, direcionada a todos os profissionais que atuam na área da educação, além de atingir a sociedade em geral.

A escola tem passado por diversos conflitos nesses últimos anos relacionados à violência, trazendo sérios prejuízos no processo ensino-aprendizagem. Esses prejuízos são avassaladores para o processo de aprendizagem, causando diversas formas de agressões, tanto físicas como psicológicas, para alunos e profissionais que atuam na área da educação.

É notório perceber que é um problema agravante e que se desloca diariamente nas relações interpessoais. A violência tem criado formas e atinge o público discente e docente, trazendo uma série de complicações físicas e psicológica para todos os envolvidos. Muitas ações devem ser repensadas no ambiente escolar e, para que não se amplie a demanda da violência, a conscientização social é um caminho para tentar contê-la, mas sabemos que ainda não é o suficiente, por isso está pesquisa busca contribuir para análises e reflexões importantes sobre o tema proposto.

Ao falarmos sobre a violência escolar, precisamos compreender que ela atinge a todos que a rodeiam. A violência escolar está permeada por brigas, discussões, ofensas, agressões físicas e verbais, racismo, discriminações, roubo, furto e depredação do patrimônio particular e público, sendo causadora de danos psicológicos agravantes, muitas vezes carregados por toda vida.

O tema sobre a violência no ambiente escolar contra professores é muito discutido nos dias contemporâneos e diferentes autores trazem conceitos importantes, procurando compreender a relação e a dinâmica que ocorre, e os efeitos adjacentes que pode causar. A violência, desde a Antiguidade, foi evoluindo as diversas instituições, dentre as quais se destacam, neste trabalho, o ambiente escolar, local de encontros culturais e formação de cidadãos para se tornarem adultos ativos e participativos na sociedade.

Constatamos que o ambiente escolar com que os profissionais da educação se deparam e vivenciam no cotidiano é conflituoso. Não obstante, eles procuram cumprir seus papéis como educadores e formadores de cidadãos, com vistas a se tornarem adultos responsáveis e participativos na sociedade, cumpridores de seus deveres e direitos, mas, infelizmente, a violência é um mal que vem gerando desânimo e insegurança para todos.

Na apreensão relacionada à violência no ambiente escolar, além de o docente conviver com a precariedade e as dificuldades enfrentadas nas escolas, sofre também com as violências física, verbal e psicológica, que não apenas atingem os docentes, mas permeia e o cotidiano das relações humanas na sociedade, em suas mais variadas camadas, não fazendo diferenciação entre rico ou pobre. Assim, a violência deixa marcas nas famílias, em algumas situações irreversíveis, em que o trauma é carregado por toda uma vida.

Diante da problemática aqui exposta, levantam-se questões fundamentais, que trazem a violência nas escolas e contra os docentes como tema central nesta pesquisa, e uma delas aponta para o questionamento: será que as violências vividas no cotidiano escolar podem levar os docentes a desmotivação? Devido às condições precárias de trabalho, até que ponto o ambiente escolar pode ser o motivador dos desencadeamentos da violência na escola, principalmente contra os professores? As violências sofridas pelos professores podem gerar danos psicológicos ao ponto de se afastarem de suas profissões?

Perguntas como estas nos levam a entender um pouco a realidade no ambiente escolar. Este trabalho tem como intenção contribuir com os profissionais que atuam na educação e passam, a cada dia, por desafios que interferem e prejudicam a qualidade do ensino oferecido pelas escolas, tendo como base de estudo a rede pública de ensino no estado de Mato Grosso do Sul.

2. Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Discutir ações e atos que levam à violência nas escolas no período contemporâneo, abordando reflexões sobre a violência praticada pelos alunos contra os docentes na rede pública de ensino no estado de Mato Grosso do Sul.

2.2 Objetivos específicos

- Discutir os tipos de violência contra os professores e como é desencadeada no contexto escolar;
- Apontar sobre as causas da violência contra os docentes no ambiente escolar;
- Discorrer sobre como as violências (física, verbal, psicológica e indireta) são exercidas pelos alunos contra os professores.

3. Justificativa

Para que se obtenha sucesso no meio profissional, é de extrema importância entender e observar, em meio de análises, como funciona o papel de educador dentro do âmbito escolar no contexto metodológico, e principalmente compreender as necessidades que os alunos apresentam no decorrer do cotidiano. Assim, podemos perceber como os alunos serão impactados com conceitos educacionais, destacando a importância de desenvolver, juntamente com a classe, o entendimento da vida em sociedade.

A satisfação como profissional em conseguir alcançar o objetivo de transmitir sabedoria e entendimento de vida para crianças e adolescentes se torna construtivo e complexo, a cada turma que passa, a experiência é adquirida, trazendo, assim, ainda mais formações teóricas para o educador. Dessa forma, analisando a concepção de educador, se torna crescente a aprendizagem durante a carreira.

Segundo Cruz & Maciel (2018), a violência na escola ocorre dentro do espaço escolar, onde alunos insultam e batem nos professores, depredam o patrimônio, brigam entre si, desferem palavras racistas e injustas a professores e alunos. O autor traz consigo uma definição sobre esse tema, que, apesar de ser estudado há muitos anos por diversos autores, ainda continua

sendo atual e relevante como objeto de estudo, sendo que a violência escolar está englobada no âmbito social e é mutável à medida que a sociedade muda através de estratos sociais.

A escola opera violências que estão se modificando, à medida que a sociedade sofre transformações. A violência escolar passou diversas fases até atingir o seu escopo: alunos, professores, diretores e funcionários. Segundo Abramovay e Rua (2002), é perceptível que a violência escolar está voltada para a prática de alunos contra a propriedade, de alunos contra professores, de alunos contra alunos.

Ao abordarmos a incidência de violência dos alunos da rede pública contra os professores do estado Mato Grosso do Sul, entramos na questão de que o professor tem o papel importante na forma como acontecem essas violências; e que, na maioria das vezes, o aluno está inserido em um ambiente fora da escola, com poucos recursos, trazendo, assim, um desequilíbrio para o âmbito escolar. Dessa forma, o professor deve ter consciência social e trazer harmonização e equilíbrio para o cotidiano em classe, sendo exemplo positivo para os alunos.

Ao refletirmos sobre a atualidade em que o professor se encontra e, principalmente, a responsabilidade que lhe foi imposta, esse tema despertou-nos para a busca, através da pesquisa de campo, de mostrar que a violência é recorrente. Percebemos que isso não ocorre somente nas capitais brasileiras, mas em pequenas cidades do interior, demonstrando que Mato Grosso do Sul não fica atrás desses índices.

O campo a que se direciona a pesquisa sobre a violência contra os professores ainda é carente, haja vista que existem poucas publicações relacionadas ao tema, que é de suma importância para área acadêmica e principalmente aos profissionais da educação. Percebemos que os estudiosos procuram por assuntos sobre a violência escolar entre pares, violência de alunos contra alunos e o bullying.

Portanto, o tema “a violência praticada pelos alunos contra os docentes da rede pública de ensino do estado de Mato Grosso do Sul” se torna relevante para a compreensão do problema. Este estudo poderá contribuir para se pensar em áreas preventivas. A temática também poderá auxiliar para a compreensão de aspectos sociais desencadeadores para a violência. Assim, pode ser de grande valia para os profissionais da educação, que buscam realizar seu trabalho com qualidade, além de demonstrar que, infelizmente, eles ainda estão a mercê da violência. Enquanto profissional, este trabalho nos acrescentará aprendizado, podendo proporcionar experiência e conhecimento.

Por meio de pesquisas, é possível analisar a situação de forma clara e partir para uma solução, de que os índices sejam menores em relação à violência nas escolas públicas, criando-

se meios de solucionar/amenizar o problema, que tem se tornado frequente. Assim, diante desse cenário é que esta pesquisa se justifica, com o intuito de buscar uma educação de qualidade, através de políticas públicas que promovam a melhoria da educação desse País.

4. Revisão de Literatura

A violência expressada no ambiente escolar contra os professores no cotidiano da sala de aula em diversas situações e momentos vem sendo motivo de pesquisas e investigações científicas. Muitos autores renomados trazem conceitos fundamentais sobre o tema proposto, tais como: Ristum (2010); Prioto & Bonetti (2009); Lobo (2012); Batista & de Oliveira (2012); Pigatto (2010); Soares & Machado (2013); Núñez, (2015); Matos, Viana & Gurgel (2012); Soares & Machado (2014); Silva & Bernatt (2014); Pereira (2016); Araújo (2016); Ferrari & Araújo (2005); Santos (2016); Ferreira & Cunha (2013); Silva & Silva (2018); Rocha et al. (2012); Pappa (2004); Martins & Luz (2010); Santos & Rosso (2012); Gonzaga & Andrade (2012); Endo & Constantino (2013); Lira (2016); Oliveira & Mendes (2014); Melanda et al. (2018); Amorim & Moreira (2005); Schreiber & Antunes (2010); Bonanmingo et al. (2011).

Esses estudos apontam a realidade contemporânea que os professores enfrentam diariamente no ambiente escolar e as violências que se apresentam em uma sociedade que se mostra cultural e educacionalmente carente atualmente. Essas análises e reflexões apresentadas por autores, que estão preocupados com a realidade vivida no ambiente escolar, podem contribuir para mudanças positivas no ambiente escolar.

Priotto & Bonetti (2009), enfatizando sobre a violência da escola, compreendem que ocorre dentro das instituições escolares e que estão relacionadas tanto a problemas internos como externos do cotidiano escolar. A preocupação sobre a violência no ambiente escolar está sendo destacada, pois a escola é local de encontro cultural diferenciado, pessoas que carregam experiências diferentes em suas vidas e é no ambiente escolar que se deparam umas com as outras, criando relações e muitas vezes expressando sentimentos.

A dinâmica que ocorre no ambiente escolar pode gerar situações de violência. É o que temos visto na contemporaneidade e muitos são os fatores e causas que levam a essas situações. Ao aprofundar sobre o assunto, entende-se que as causas são fundadas por uma sociedade transformadora e capitalista, e os resultados se expressam em ações da própria sociedade.

Nas palavras de Batista & Oliveira (2012), as violências de alunos contra os docentes estão relacionadas a fatores que levam às agressões, que vão desde as relações existentes entre os alunos e professores durante a realização das atividades no cotidiano escolar, como provas e trabalhos. Nesse sentido, muitos alunos não estão preparados para a realização das atividades e buscam formas alternativas para serem ouvidos, muitas vezes expressadas através de atos e ações inadequadas, que acabam prejudicando tanto eles próprios como os professores, além de contaminarem todo o ambiente escolar com a violência.

Situações de violências não são fáceis de serem enfrentadas e, no ambiente escolar, torna-se um desafio a ser vencido paulatinamente. Muitos docentes e profissionais que atuam na área da educação não estão preparados para enfrentar esse tipo de situação. Quando os docentes se deparam com a violência, é fundamental que estejam preparados para enfrentar tal situação e, para isso, devem se aperfeiçoar constantemente, pois a sociedade vem sendo cada vez mais exigente e busca na escola formas de avanço e transformações.

Na visão de Pigatto (2010), Estado e sociedade deveriam apoiá-los, já que a sociedade procura a afetividade, o diálogo reflexivo e a flexibilidade. Nesse sentido, percebe-se que existe uma falta estrutural por parte das políticas públicas existentes, pois a deficiência em projetos para educação promove dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Assim, as escolas se apoiam nas orientações curriculares para direcionar ações específicas e transformadoras, que devem ser tomadas na escola. O projeto político pedagógico norteia todas as ações da escola, deve ser atualizado e atender a comunidade na qual a escola está inserida, buscando estar baseado nos princípios da educação e promover a paz diante dos alunos e da sociedade.

Há uma urgência em se analisar e refletir sobre a violência no ambiente escolar, principalmente contra os docentes. Para Silva (2012), os professores deparam-se na maioria das vezes com baixos salários, salas lotadas, prédios danificados pelo tempo, precisando de reformas e salas sem ventiladores. As políticas públicas e as verbas para investimentos na educação não são o suficiente ou, muitas vezes, não chegam ao seu destino, que é a escola, de modo que a educação ainda sofre com os desafios enfrentados, deparando-se com um ambiente desmotivador.

4.1. Conceituando violência e suas causas

A definição de violência é algo complexo e difícil de atenuar, pois implica vários elementos que a compõem. Esse termo vai muito além e engloba um vasto campo do universo entrelaçado nas relações humanas, e faz parte do cotidiano. Ela é vista como algo difícil de compreender e aceitar. Geralmente, exerce força sobre o outro. O termo radical da palavra vem do Latim, *violentia*, que expressa o ato de violar outrem ou de se violar. O termo (*violentia*) parece denotar força extrema, algo ligado a comportamento humano quer produz danos físicos e psíquicos.

Segundo definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), as violências são caracterizadas pelo uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, contra um grupo ou comunidade. Pode resultar em morte, lesão, dano psicológico, problemas de desenvolvimento ou privação. A OMS classifica a violência como dirigida contra si mesmo (auto infligida), violência interpessoal, que se classifica em dois âmbitos: violência doméstica (entre parceiros íntimos ou familiares) e violência comunitária (no âmbito social, entre conhecidos e desconhecidos). Quanto aos atos violentos, classificam-se em: abuso físico, psicológico, sexual e envolvendo abandono, negligência e privação de cuidados.

Souza & Minayo (2009) compreendem que a violência consiste nas ações humanas de indivíduos, grupos ou classes, nações que causem morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual.

Por sua vez, Schraiber, Oliveira & Couto (2006), buscando compreender as causas da violência, procuraram integrar estudos recentes sobre a produção brasileira no âmbito da violência e saúde. Foram levantados, na primeira semana de abril de 2006, a partir da SciELO (Scientific Electronic Library Online), que indexa, dentre outras, as principais revistas brasileiras no campo da saúde coletiva, 234 artigos, publicados de 1980 até 2005, ano que, sozinho, perfaz 20% dessa produção. Os autores compreendem que uma das causas da violência está relacionada à crise da sociabilidade.

Os autores concluem que a violência está relacionada a um processo de causas múltiplas e causalidade não linear, de natureza e características específicas e gerais, micro e macrossociais, que se diferenciam e se articulam.

As causas da violência estão associadas, em parte, a problemas sociais como miséria, fome e desemprego. Além disso, um Estado ineficiente e sem programas de políticas públicas

de segurança contribui para aumentar a sensação de injustiça e impunidade, que é, talvez, a principal causa da violência.

Mas para Abramovay & Pinheiros (2003), a violência é um problema social que preocupa governos na esfera pública e privada, e seu conceito está em constante mutação, visto que não é fácil defini-lo, pois não existe um conceito absoluto.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Abramovay e Pinheiros (2003), que entendem que parte de um problema social, o CONASS (2009), atento a essa questão, lançou uma cartilha com estratégias e propostas para enfrentamento da violência atual. Nessa cartilha, o CONASS percebe que os acontecimentos trágicos envolvendo homicídios, suicídios, violência no trânsito, são relatados quase todos os dias como acontecimentos banais. Compreende que a dimensão total desse fenômeno, bem como seus modos de produção, em especial, são repercussões sociais que passam muitas vezes despercebidas.

Ainda, a cartilha traz dados preliminares do Sistemas de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde referentes a 2006, indicando que neste ano ocorreram 47.477 óbitos por homicídio (130 por dia), 34.954 mortes no trânsito (96 por dia) e 8344 suicídios (23 por dia), correspondente a um total de 249 mortes por dia. As mortes são somente a ponta do iceberg, sendo que o número de pessoas vitimadas (sequelas) é muito maior.

A violência parte do pressuposto de que, embora a OMS e Souza & Minayo (2009), procuram conceituá-la, possui inúmera causas e está ligada em uma complexidade que foge de aspectos morais, sendo um problema social, de grande preocupação para as autoridades do mundo inteiro.

Os governos buscam encontrar mecanismos para combatê-la, mas se torna dificultoso, por estar em constante mutação. A violência como problema social requer investimentos que vão além de combater atos de violências descritos pelo CONASS nos dados preliminares dos Sistemas de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde referentes a 2006. Atualmente, os governos estão focados em investir na área da segurança pública, como construção de cadeias, presídios e armamento policial. O fato de investir na área de segurança pública não ameniza o problema, simplesmente camufla a problemática. Entendemos que a solução dessa problemática está no investimento da educação.

Para Assis, Constantino & Avanci (2010), a violência é o resultado da complexa interação de fatores individuais, de relacionamentos estabelecidos, comunitário e social, sendo necessário ter sempre em mente as interseções e conexões existentes entre os diferentes níveis. Os autores ainda se apropriam o modelo de Bronfenbrenner (1996) para entendimento da violência como um modelo ecológico.

O modelo ecológico, para Brofenbrenner (1996), está no nível individual, relacional, comunitário e social. O primeiro nível (individual) leva em consideração os fatores históricos, sociais, biológicos e pessoais que o indivíduo traz em seu comportamento e que podem afetar a possibilidade de ser vítima ou aquela que pratica a violência. Os níveis relacionais demonstram as relações que o indivíduo possui, os relacionamentos íntimos aumentam o risco para a vitimização violenta e perpetração da violência. O terceiro nível analisa as relações no contexto da comunidade, as escolas, os locais de trabalho e a vizinhança, procurando identificar se a pessoa pode ser vítima ou praticante da violência. O quarto nível analisa os fatores sociais.

Os principais fatores que contribuem para a violência no quarto nível, para Krug et al. (2002), são as normas culturais que apoiam a violência como uma forma aceitável para solução de conflitos; normas que dão prioridade ao direitos dos pais sobre o bem-estar da criança; normas que reafirmam o domínio masculino sobre mulheres e crianças; normas que validam a força abusiva da polícia sobre os cidadãos; normas que apoiam conflitos políticos; políticas de saúde, educacionais, econômicas e sociais que mantêm altos os níveis de desigualdades econômica e social entre os grupos.

4.1.1 Definições de violências

As violências se caracterizam em violência física, violência verbal, violência direta e indireta, violência patrimonial, violência crime, assédio sexual. A seguir, temos suas definições:

a) Violência física

Melanda et al. (2018) definem a violência física como sendo o uso da força, com o desejo de ferir, causar dor ou até mesmo levar à morte. Esse tipo de violência pode deixar marcas e hematomas pelo corpo e vem se ampliando; quando de fato ocorre, é lamentável, pois nesse ponto o processo de ensino-aprendizagem, em sua essência, se encontra comprometido. Assim, as autoridades devem se preocupar em elaborar projetos de intervenção para amenizar e diminuir essas ações.

Os autores procuraram buscar informações sobre a violência física no contexto escolar, e fazendo um levantamento de dados, encontraram um inquérito norte-americano que investigou a experiência de violência de 2 mil professores atuantes em vários níveis de ensino. Os resultados revelaram que 80% relataram ter sofrido ao menos uma experiência de violência no último ano, sendo 94% praticadas por alunos. Quase metade dos professores (44%) referiu ter sido agredida fisicamente. As pesquisadoras ainda descrevem que professores que

presenciaram violência física de uma a três vezes nos 30 dias anteriores à pesquisa, realizada nos Estados Unidos, em Minnesota, tinham chance de sofrer violência física quase três vezes maior.

b) Violência verbal

A violência verbal possui uma grande dificuldade de ser identificada, porque age silenciosamente. Na maioria das vezes, não nos damos conta das palavras banais, que com o tempo podem nos trazer algum tipo de transtorno psicológico. A violência verbal carrega um comportamento agressivo, com o intuito de manipular e ameaçar o próximo.

Segundo Souza (2013), a violência pode causar sintomas de origem psicossomática, desencadeamento ou agravamento de doenças, alterações no sono, depressão, ansiedade e outros.

Lobato (2016) destaca que a violência mais grave é a violência verbal, pois prejudica o psicológico. Professores tentam resolvê-la através do diálogo, trabalhando o tema violência escolar em sala de aula, porém, não na profundidade que se almeja, devido à falta de segurança com um tema tão delicado. Essa relação professor-aluno, diante desse grave problema, acaba se deteriorando e provoca stress para ambos os lados. Os atritos ocorrem por notas baixas, indisciplinas em sala de aula e atrasos recorrentes, de modo que há alunos que não concordam com a postura do professor e partem para a violência verbal, que poderá desencadear a violência psicológica ou até mesmo física. É lamentável observar esse tipo de situação no ambiente escolar, pois afeta o ensino-aprendizagem, desestimulando professores e alunos.

Segundo Massing (2015), a violência verbal acontece geralmente através de ofensas morais, palavrões e deprecições. Esse tipo de violência leva ao constrangimento e à humilhação. Nesse sentido, o profissional da educação vem, a cada dia, enfrentando desafios e elaborando estratégias para amenizar a violência verbal. Procura se aproximar do aluno e desconsidera muitas ações e discussões que gerem a violência verbal no ambiente escolar. Cabe ao professor, nesse sentido, procurar a melhor forma de amenizar essas condições no dia a dia da sala de aula e também nas atividades curriculares do cotidiano no ambiente escolar.

c) Violência direta e indireta

A violência direta possui uma relação entre o sujeito, o emissor e a vítima da violência. Geralmente, envolve no mínimo dois participantes, o sujeito que realiza a ação, sendo objeto de violência e a vítima que sofre essa ação. O dano causado pelo sujeito com a ação de violência pode ser de natureza física ou psicológica.

A violência indireta ocorre quando o docente sofre violência simbólica, material e psicológica, ou, também, desrespeito dos pais e familiares, briga entre pais de alunos, enfrentamento com estudantes e pais diante de professores. À medida que a violência vem se materializando, deve-se contornar a situação no sentido de apaziguar pais e alunos, que ficam extremamente nervosos. Percebe-se que as violências diretas apresentam maior taxa e são mais frequentes, de acordo com os relatos obtidos, enquanto as violências indiretas são menos frequentes.

d) Violência patrimonial

Segundo a Lei 11.340/2006 (BRASIL, 2006), violência patrimonial é entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

Percebe-se que a violência patrimonial é um grande problema para a instituição escolar, mas a que é direcionada ao professor, como violência por parte dos alunos, para afrontar ou desrespeitar. A violência patrimonial direcionada ao professor constrange e prejudica como dano ao objeto.

e) Violência crime

Para Amaral (1977), a violência e o crime (violência reprimida formalmente pela lei), todavia, são comportamentos sociais inerentes à natureza humana; cada sociedade estabelece até que ponto há de tolerar a violência. Quando falamos de violência, essa se caracteriza como crime no ambiente de trabalho, trazendo insegurança e medo.

f) Assédio sexual

O assédio sexual também pode ser epistemologicamente compreendido como forma de discriminação sexual, conforme expressamente reconhecido pela Diretiva 2002/73/CE do Parlamento Europeu. Higa (2016) conclui que tanto homens quanto mulheres podem ser vítimas de assédio sexual, como foi descrito no decreto real belga.

O assédio sexual em ambientes de trabalho também pode consistir em constrangimento de trabalhadora, através de cantadas, convites, com o objetivo de se levar vantagem. Caracteriza-se por atitudes de ameaça ou coerção, no intuito de obter favorecimento sexual, sendo o assediador hierarquicamente superior ao assediado.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) define assédio sexual como atos, insinuações, contatos físicos forçados, convites impertinentes, desde que apresentem uma das características a seguir: ser uma condição clara para manter o emprego; influir nas promoções da carreira do assediado; prejudicar o rendimento profissional, humilhar, insultar ou intimidar a vítima; ameaçar e fazer com que as vítimas cedam por medo de denunciar o abuso; e oferta de crescimento de vários tipos ou oferta que desfavorece as vítimas em meios acadêmicos e trabalhistas, entre outros, e que no ato possa dar algo em troca, como possibilitar a intimidade para ser favorecido no trabalho.

4.1.2. As causas da violência contra os professores

São inúmeros os fatores que se desenvolvem para que a violência ocorra, os quais foram apontados por vários autores que determinantes sociais externos exercem influência força sobre o sistema educacional, a escola faz parte desse contexto social.

Procurando também investigar sobre os determinantes sociais que provocam a violência, Costa (2011) entende que a violência escolar constitui um fenômeno multifatorial, constituída de fatores endógenos e exógenos. Os fatores exógenos, na explicação da violência, estão nos processos macrossociais e sua interferência no contexto escolar. A autora diz que os estudos apontam que determinantes sociais externos exercem grande influência sobre os fenômenos educativos. Ainda de acordo com Costa (2011), a violência escolar deve ser analisada a partir de fatores socioeconômicos, como: as desigualdades sociais; a má distribuição de renda, a origem familiar; o desemprego; as características do ambiente que a escola se insere.

Além dos fatores sociais que provocam a violência e seus determinantes, os quais influenciam o processo educativo, a família como organismo social é uma das causas para a violência escolar, que é responsável para educar e criar mecanismos de socialização. A educação requer investimentos da família, que transmite valores e molda o ser humano, que ao se apropriar da cultura, poderá dar subsídios para não violência.

Falar em educação é falar de todo um processo que constitui o homem. Esse homem biologicamente se constrói apropriando-se da cultura, e se torna um ser cultural, ao interiorizar experiências sociais.

Pino (2000) entende que a educação do homem não ocorre nos lócus, mas na totalidade das situações em que essa experiência é vivida. O autor ainda discorre que é nessas relações

envolvidas ao longo de toda a sua vida, das condições de estabelecer e viver essas relações, que se constitui a razão da base não violência. A base das experiências do homem se inicia na família.

Segundo Schenker & Minayo (2003), a família se entende como uma instituição privada, passível, neste mundo pós-moderno, de vários tipos de arranjo, mas basicamente tendo a função de socialização primária das crianças e dos adolescentes.

Para Luz & Schotten (2016), a família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades. A família tem um impacto significativo na vida das crianças, que aprendem valores e as diferentes formas de ser no mundo, e forma como vai construir essas relações. A família como sistema social compartilha com a escola a formação da identidade dessa criança.

A família faz parte da criança, que nos primeiros anos se insere na escola. Família e escola caminham juntas na educação dessas crianças. São dois organismos inseparáveis, que compartilham funções sociais, políticas e educacionais, responsáveis pelo crescimento físico e psíquico, intelectual, podendo ser força inibidora ou propulsora. A escola e família têm a responsabilidade para a formação da identidade da criança.

Família é como organismo social que prepara as crianças para a escola, com o intuito de educar. Mas o processo educacional caracteriza-se por todo um processo que engloba, o que é definido por Pino (2007) como sendo a base para a constituição da não violência através de experiências de vivência desencadeadas pelo meio. Geralmente, o primeiro ambiente para o desenvolvimento da criança nos seus primeiros meses de vida é a família, que, através desses lócus, tem a responsabilidade de contribuir para a formação cognitiva. Essa formação se dará através dos genitores, por meio de afeto e carinho demonstrados para com a criança. É nessa família que se mostrará que tipo de educação esse indivíduo terá. Esse sistema caracterizará se será violento ou não. Geralmente, famílias desestruturadas, com pais violentos, poderão gerar filhos violentos.

Esses filhos se inserem na escola em idade escolar e, por sua vez, a escola tem o objetivo de transmitir conhecimentos, focando no processo central do ensino. A família forma o processo de socialização, de proteção e provê as condições básicas de sobrevivência. Quando há falhas das famílias nesses processos, elas poderão desenvolver filhos que se tornarão alunos violentos, os quais praticarão a violência escolar.

Segundo Cruz & Maciel, as causas da violência escolar estão direcionadas aos professores e englobadas no âmbito social; são mutáveis, à medida que a sociedade transforma.

O ambiente que os docentes lecionam torna-se um ambiente social, pois a escola se insere nesse contexto.

Para Ferrari (2005) e Santos (2016), o ambiente escolar, o ambiente social, o ambiente familiar podem ser um forte motivador dos atos de violência contra os docentes. A dinâmica que ocorre no ambiente escolar pode gerar situações de violência. É o que temos visto na contemporaneidade e muitos são os fatores e causas que levam a essas situações. Ao aprofundar sobre o assunto e analisar as questões, entendemos que as causas são fundadas e baseadas por uma sociedade transformadora e capitalista, e os resultados se expressam em ações da própria sociedade. O próprio sistema atual é gerador de violência, principalmente quando discrimina e apoia atos de violência. As famílias se tornam vítimas do próprio sistema, não sendo a base estrutural necessária que possibilita a criação de seus filhos com segurança e com o mínimo que os seres humanos precisam para sobreviver.

Portanto, o sistema acaba por caracterizar o que será violento ou não. Comumente, famílias desestruturadas, com pais violentos, poderão gerar filhos violentos. Esses filhos vão para escola e lá encontram disciplinas e regras a serem obedecidas. Quando não se encaixam no sistema, tendem a ser violentos, partindo, então, para a violência física, verbal ou psicológica, que vai afetar principalmente os professores. As regras estabelecidas no ambiente escolar tendem a ser uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação, pois muitas crianças, quando vêm para escola, não tiveram em casa a aprendizagem necessária para seguirem regras.

Sabemos que o sistema no qual vivemos traz em si o sinal de decadência, principalmente ao analisarmos as questões que envolvem a educação e as políticas de investimentos. De acordo com Ferreira & Cunha (2013), os professores e a violência estão caracterizados por um sistema capitalista que não investe nas escolas públicas, deixando-as em precariedade e sem estrutura.

As escolas não estão preparadas para receber alunos problemáticos, assim como os docentes não possuem os treinamentos adequados. A estrutura escolar não pode oferecer as bases necessárias para atender alunos com dificuldades de aprendizagem e nem mesmo os que apresentam comportamentos psicológicos com fragilidades; assim, a forma como essa relação se desencadeia gera a violência de alunos contra professores, de alunos contra alunos e a escola, muitas vezes, não sabe qual atitude deve tomar diante dessas situações. Os autores ainda enfatizam que os professores são meros proletários, que vendem sua mão de obra, e que a violência está arraigada na desestrutura das instituições.

Diante disso, cabe ao professor ser o transformador de ações e fazer com que os alunos queiram estar na escola, e o mais difícil e desafiador é fazer com que os alunos queiram

aprender. A falta de investimento e de estrutura nas escolas públicas acaba se tornando um grande desafio a todos os profissionais que atuam na área da educação, pois são condições básicas de atendimento e necessárias para a manutenção da escola.

Nesse caso, Silva & Silva (2018) apontam que, diante da violência escolar, os alunos são as principais vítimas e que o professor sofre menos violência física e verbal do que o aluno, visto que as condições precárias da educação não dão o suporte necessário para o atendimento adequado para a sociedade. Nesse sentido, as políticas públicas e os investimentos, se bem administrados e distribuídos, podem solucionar o problema. Contudo, o que se percebe é que os investimentos muitas vezes não chegam ao destino correto, sendo desviados por corrupções políticas, e quem sofre com as irresponsabilidades dos governantes é a população.

Os resultados são a precariedade educacional, que se expressa em atos e ações de violência no ambiente escolar, e, principalmente, a violência de alunos contra professores nas escolas, e de professores que tentam, de alguma forma, exercer suas funções da melhor forma possível diante da realidade expressa nas dificuldades e nos desafios enfrentados no cotidiano do ambiente escolar.

4.2 Violência e escola

A escola tem passado por diversos conflitos nos últimos anos, relacionados à violência. É notório perceber que é um problema agravante e que se desloca diariamente nas relações interpessoais. A violência tem criado formas e atinge os públicos discente e docente, trazendo uma série de complicações físicas e psicológicas para quem sofre com esse mal.

Ao falarmos sobre a violência escolar, precisamos compreender que ela atinge a todos que a rodeiam. A violência escolar está permeada por brigas, discussões, ofensas, agressões físicas e verbais, racismo, discriminações, roubo, furto e depredação do patrimônio particular e público. Priotto & Boneti (2009) definem a violência escolar:

Como todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar.

Charlot (1999 apud Abramovay & Rua, 2003) procura ampliar o conceito de violência escolar, classificando-a em violência: golpes, ferimentos, roubo, crime, vandalismo, violência

sexual; Incivildades (humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito). Violência simbólica (falta de vontade do aluno em permanecer na escola por tantos anos, ensino como desprazer, que obriga o jovem a aprender conteúdos alheios aos seus interesses).

Ao estudar sobre violência escolar, os pesquisadores do assunto compreendem o tema em perspectivas atuais que se relacionam à política, à ética, e tentam traçar mecanismos que compõem todo esse aparato, considerando não somente o que caracteriza a violência, mas partindo de outras perspectivas, como a violência simbólica, por entenderem que a violência se modifica nos tempos atuais.

Segundo Cruz & Maciel (2018), a violência escolar está englobada no âmbito social, é mutável à medida que a sociedade muda através de estratos sociais.

A violência é, hoje, uma das principais preocupações da sociedade, a partir das conceituações e escassez na visibilidade desta problemática no espaço escolar, em franco crescimento. (Santos, Taques & Levandoski, 2019).

As condições socioeconômicas afetam os jovens, principalmente, com as desigualdades sociais, aliadas à pobreza, de modo que não são fatores preponderantes para o desencadeamento da violência, mas a negação aos acessos dos bens e equipamentos, como lazer, esporte e cultura, poderão sim desencadear atos violentos (Abramovay & Pinheiro, 2003, p.3).

Em um estudo paralelo, pesquisando sobre violência escolar em uma escola particular, Amorim & Loureiro (2005) definem a violência escolar como sendo humilhação, coação, discussões, desrespeito ao próximo.

A escola deveria ser um ambiente acolhedor e ter harmonia entre as partes que lá convivem. Deveria haver promoção de aprendizagem e educação, com o intuito de educar e formar cidadãos. Mas, ao contrário, a escola atualmente tem perdido seu papel, sendo acolhedora de violências e desarmonia.

4.3 A violência e o ambiente escolar

Segundo Abramovay (2015), a violência na escola é alarmante, trazendo muitos efeitos para aqueles que praticam, testemunham e para aqueles que sofrem a violência. A escola, que deveria ser um ambiente prazeroso, com harmonia e amizade, tornou-se um ambiente preocupante e não prazeroso, uma vez que é gerado pela violência. As pessoas que sofrem a violência no ambiente escolar podem ser afetadas tanto fisicamente como psicologicamente e, posteriormente, carregar esse trauma por toda a vida.

Assim, a percepção de escola é tão ampla que norteia a dominação e se baseia na homogeneização, não havendo espaço para diferenças, visto que se apresenta através de tensões e estranhamento. A escola impõe regras e exige que sejam cumpridas e obedecidas, com limites da própria realidade distorcida, a qual a criança tem como experiência em casa e na sociedade.

Segundo Cruz & Maciel (2018), a violência na escola ocorre dentro do espaço escolar, onde muitos alunos insultam e batem nos professores, depredam o patrimônio, brigam entre si e desferem palavras racistas a professores e alunos. Os autores trazem consigo a definição correta sobre esse tema, que apesar de ser estudado há muitos anos por diversos autores, ainda continua sendo atual e relevante como objeto de estudo, sendo que a violência escolar está englobada no âmbito social, através de estratos sociais.

Ou seja, a escola opera violências que estão mudando à medida que a sociedade sofre transformações e alterações significativas na sua dinâmica, passando por diversas fases até atingir seu cume, de modo que professores, diretores e funcionários estão sendo agredidos e coagidos por estarem, tão somente, fazendo seu trabalho. Segundo Abramovay e Rua (2002), é perceptível que a violência escolar está voltada para a prática de alunos contra a propriedade, de alunos contra professores, de alunos contra alunos. Isso se torna lamentável para a educação, viver uma realidade como essa, visto que o ensino acaba sendo afetado, pois em um ambiente tenso não se pode oferecer um ensino de qualidade e muito menos se ter um aprendizado significativo.

É possível que as informações e notícias venham sendo cada vez mais rápidas com o avanço das tecnologias, e com isso a mídia tem relatado, em seus canais, a violência escolar, principalmente a violência contra os professores, as quais estão cada dia mais frequentes e cada vez piores. O professor depara-se com uma realidade diferente daquilo para a qual foi preparado, assustando-se ao perceber como o cotidiano do ambiente escolar sofre mudanças e está em constante adaptação ao próprio meio social. Ao término de sua graduação, ele procura emprego e, na sua maioria, inicia sua jornada em escola pública, no ensino fundamental e médio, cuja realidade é formada por muitos alunos que estão na criminalidade, ou adolescentes grávidas, famílias desestruturadas, deparando-se com um ambiente não motivador e assustador, com o qual precisa aprender a lidar, enfrentado desafios e situações diversas a cada dia.

Para Morra (2007), é nesse ambiente escolar que o professor, ao sair faculdade, vai se deparar com a violência escolar, que atinge não somente alunos, mas todo o conjunto da instituição, com foco nos professores, com quem se tem mais contato. Ainda, o autor relata que o crescimento da violência dentro da escola, através de ameaças, agressões físicas, mortes,

quebra-quebras, instauram uma insegurança nos alunos e professores, e fazem piorar o conflito, provocando reações.

Portanto, o profissional da educação lida todos os dias com um ambiente inseguro para ensinar. Esse ambiente o faz adoecer e o deixa desmotivado, ao ponto de comprometer o processo ensino-aprendizagem. Seguindo esse raciocínio, Esteve (1999) destaca que, além de ensinar, o professor tem que educar, sendo que essa responsabilidade, que pertence à família e sociedade, passou a ser exercida pela escola. O autor vai mais além, reiterando que a falta de compromisso, o desejo constante de férias, a baixa autoestima, o separa cada vez mais de seus alunos, visto que existe uma distorção entre educação oferecida pela escola e a educação responsável da família.

Nesse viés, a família tem seu papel fundamental na vida das crianças, pois transmite valores e caráter que a criança não vai encontrar na escola, cujo papel é apresentar a educação científica, em que a criança vai se preparar para resolver problemas e situações difíceis na sua vida. Atualmente, percebe-se que a família tem se esquivado de sua responsabilidade e deixado tudo para que a escola resolva, ainda que na lei cada uma das instituições possui seus deveres e obrigações.

A relação entre as estruturas precárias, salas lotadas, indisciplina e sobrecarga de trabalho pode justificar e desencadear violências contra os professores, pois proporciona um ambiente negativo para a visão e a realidade vivida no ambiente escolar (Silva 2012; Ferreira & Cunha, 2013; Lobato, 2016). Com respeito à indisciplina, a ausência de família, o desinteresse, a ausência de limites, os autores Santos & Rosso (2012), Ferreira, dos Santos e Rosso (2016) configuram que, de acordo com os docentes, isso se revela por meio de alunos mal-educados, agressivos e prontos para praticarem a violência física, verbal e indireta, o que é reiterado por Priotto & Bonetti (2009). As condições de trabalho precárias, portanto, são lamentáveis quando pensamos o quanto a educação é significativa na vida das pessoas.

A contribuição desta investigação se apresenta como uma ferramenta de contribuição para a melhoria da educação básica, voltada para a valorização do profissional em combate às práticas de violência contra os professores. Esse tipo de violência (física, verbal e indireta) dirigida aos professores tem crescido muito nas últimas décadas no Brasil, e cada vez mais a mídia utiliza-se desse assunto para veicular como notícia. A violência no âmbito escolar, quando é dirigida aos professores, se torna um grande problema social, tornando-se assim objeto de pesquisa a ser explorada.

Diante dessa realidade, percebemos que alunos e professores, em uma relação diária e com objetivos idênticos, não conseguem se relacionar a fim de proporcionar uma educação com

qualidade. O professor tem a responsabilidade de ensinar e o aluno de aprender e, para isso, devem estar na mesma sintonia. Quando essa relação é prejudicada por situações adversas, tais como indisciplina, notas baixas, tende a ocorrer a violência verbal, psicológica ou física.

Ao não concordarem com a postura do professor que se impõe como autoridade dentro da sala de aula, cumprindo a disciplina, há alunos que partem para a forma mais grotesca de agir, a fim de intimidar os docentes, com o objetivo de angariar notas, com violência física, verbal e indireta. Isso denota uma educação falha e uma de relação extrema de violência nos ambientes escolares por toda sociedade.

4.4 Tipos de violência

Na tentativa de compreender a violência na esfera física contra os professores, é preciso contextualizar o termo e analisar com cuidado seus aspectos e fatores. Os autores Melanda et al. (2018) definem a violência física como sendo o uso da força, com o desejo de ferir, causar dor ou até mesmo levar à morte. Esse tipo de violência pode deixar marcas e hematomas pelo corpo. A violência física vem acompanhada pela violência verbal. Ao se utilizar da força, muitos saem prejudicados e abalados, principalmente quando são intimidados em seus ambientes de trabalho.

Lobato (2016) destaca que a violência mais grave é a violência verbal, haja vista que prejudica o aspectos psicológicos do ser humano. Ainda que os professores tentem resolver conflitos através do diálogo, trabalhando o tema violência escolar em sala de aula, isso não ocorre na profundidade que se almeja, em virtude da falta de segurança diante de um tema tão delicado. A relação professor-aluno, diante desse grave problema, acaba se deteriorando e provoca stress para ambos os lados. Os atritos ocorrem por notas baixas, indisciplina em sala de aula e atrasos recorrentes. Os alunos não concordam com a postura do professor e partem para a violência verbal, que poderá desencadear a violência psicológica ou até mesmo física. É lamentável observar esse tipo de situação no ambiente escolar, que afeta o ensino-aprendizagem e desestimula professores e alunos.

Além de sofrerem com violência física, verbal e psicológica, os professores sofrem também com a violência indireta, quando alguns de seus pertences são furtados ou roubados, e em determinadas situações seu patrimônio particular (carro ou moto) é alvo de depredação pelos alunos. Em vista disso, eles vivem em um ambiente inseguro, com medo. Autores como Mattos, Viana & Gurgel (2012) indicam que as violências física, verbal e psicológica em sala de aula contribuem para uma educação de baixa qualidade, levando os professores ao desânimo, o que

afeta o processo ensino-aprendizagem. Fica evidente, desse modo, que um ambiente assim configurado acaba por se tornar desmotivador, além de prejudicar totalmente o trabalho.

Há relatos de que as violências contra professores, seja físicas, psicológicas, verbais ou indiretas, podem desencadear transtornos psicológicos gravíssimos e com resultados alarmantes, de docentes que ficam doentes ou se afastam de seus trabalhos, conforme destacam Lyra, Assis, Njaine, Oliveira e Pires (2009). As violências nas escolas estão levando os docentes a se afastarem para tratamento de saúde psicológica, reiteram Gasparini, Barretos & Assunção (2006); Tostes, de Albuquerque, de Souza, e Peterle (2018); Lobato (2016).

Os ambientes nos quais as crianças convivem (escolar, familiar e social) podem ser um forte motivador dos atos de violências contra os docentes nas escolas Ferrari, 2005; Santos, 2016).

A experiência da qual o aluno se apropria, através da linguagem, no ambiente familiar ou na própria sociedade, é utilizada, assim, para ofender a integridade do professor, com palavras de baixo calão. Isso está presente no cotidiano da escola e prejudica a qualidade do ensino oferecido. Geralmente, a violência verbal é um início para que ocorra a violência física. Percebe-se que, diante dessa violência exposta com rispidez pelo aluno, é possível que se desencadeie a violência psicológica, afetando tragicamente a vida do professor.

De acordo com Brasil Escola (2018), a violência psicológica é imperceptível, além de poder ser a mais grave, com ações que vão desde xingamentos, humilhações, rejeição, intimidações e desrespeito. Esse tipo de violência não deixa marca no exterior, mas pode deixar sequelas, em alguns casos irreversíveis. O problema é muito preocupante, de modo que é preciso buscar mecanismos para que se possa mudar o quadro na educação brasileira, levando em conta o índice alto de violências, que os professores sofrem na escola.

Quando a criança é inserida no ambiente escolar, passa a conviver com um sentimento de estranhamento em relação ao “outro”, despertando reações e ações que podem vir a se tornar atos violentos - físicos, verbais e até mesmo psicológicos. A experiência de vida que cada criança carrega se inicia com a convivência familiar. Muitas vezes, em seu seio familiar, os pais necessitam se ausentar para trabalhar, e os irmãos mais velhos se tornam responsáveis pelos irmãos mais novos. Passam a viver uma vida de adulto, pulando etapas e carregando responsabilidades de adulto que ainda não estão preparados para ter.

Quando esses filhos (alunos) se utilizam da violência, na maioria das vezes, isso se inicia com a violência verbal, muitas vezes por não concordarem com as regras estabelecidas pela escola ou por não estarem preparados para obedecer essas regras. As normas das escolas são construídas sem a participação de alunos(as), ou de forma arbitrária e autoritária. Isso corrobora

para que a violência seja potencializada ou gerada nesse ambiente. As escolas e os docentes vêm enfrentando esse desafio há muito tempo e, diante disso, por mais que seja difícil, temos que estar preparados para lidar com situações de violência, no ambiente escolar. Segundo Massing (2015), a violência verbal acontece geralmente através de ofensas morais, palavrões e deprecições. Esse tipo de violência leva ao constrangimento e humilhação. Um professor comprometido com sua profissão não deve desistir nunca de um aluno, mesmo que ele seja uma criança difícil de trabalhar, já que a educação é caminho para mudança.

Para Rocha et al. (2012), essa realidade vivenciada no ambiente escolar eleva o nível de estresse e se direciona, muitas vezes, para atitudes agressivas para com os alunos, os quais reproduzem esse tipo de comportamento e direcionam para alunos contra alunos e alunos contra professores. É como uma via de mão dupla entre professores e alunos, cada um reflete as ações e os sentimentos do outro, prejudicando o dia a dia na sala de aula e principalmente as condições de trabalho e o ensino aprendizagem.

Quando citamos o estresse como umas das causas dos atos de violência na escola, constatamos que na maioria das vezes está motivado pela indisciplina, que varia de uma geração a outra, e vem como respostas da experiência que a sociedade vive na contemporaneidade. A sociedade, uma vez imersa no sistema capitalista, sofre as consequências da geração de dificuldades financeiras causadas pelo sistema, o que causa o desequilíbrio econômico, caracterizando uma população desigual e imparcial, onde alguns possuem condições financeiras elevadas e outros não possuem absolutamente nada, nem mesmo o mínimo para suprir suas necessidades de sobrevivência. O que ocasiona uma experiência de vida desigual gerando assim, uma sociedade desumana com experiências de vida precária e desigual.

Assim, a indisciplina e a violência se retratam no cotidiano da sala de aula, de acordo com os autores Pappa (2004); Martins & Luz (2010); Santos & Rosso (2012); Gonzaga & Andrade (2012); Endo & Constantino (2013); Lira (2016), os quais convergem para a ideia de que salas de aulas são locais onde há mais indisciplina no mundo, e que causa desgaste para a docência. Com essas palavras, é preciso considerar a experiência de vida que a criança traz, e as dificuldades que já estão enraizadas no seio da família enfrentou no seu dia a dia. Isso reflete em atos e ações de violências. A escola deve estar preparada para enfrentar, visto que é a realidade da sociedade contemporânea. Os autores ainda relatam que a indisciplina está relacionada a muitos fatores externos e internos à escola, e que ao infringirem as regras, essa indisciplina pode desencadear agressões direcionadas a professores.

Por esse motivo, os docentes devem sempre ter em mente que a formação continuada e os aperfeiçoamentos irão prepará-los da melhor forma possível para enfrentar essa realidade, e

saber como resolver situações e atos de violência. Devemos considerar que a criança não é a culpada dessas ações, mas sim o sistema e a realidade que a sociedade está enfrentando atualmente.

A grande preocupação da questão da violência na escola está nos atos de agressões que se tornam físicos. Os autores Oliveira (2014); Mendes (2014) destacam que agressões e violência se desencadearão para tapas, depredação, exclusão, calúnia. A agressão é um ato de violência lamentável, porque é direcionada às pessoas, a grupos e principalmente aos professores, podendo ser físicas, simbólica, verbais e institucionais. Quando as agressões se tornam físicas, nas palavras de Melanda et al. (2018), os fatores que as ocasionam podem ser variados, indicando fatores sociodemográficos, como sexo, situação conjugal e grau de instrução, os quais estiveram associados à ocorrência de violência física.

O que podem ser observado diante dessa realidade é o grande número de alunos por sala de aula, as escolas estão superlotadas e não dão conta de atender todos os alunos com a qualidade de ensino necessária, gerando e estimulando a violência no ambiente escolar. Além da violência física e verbal, vem acompanhada a violência psicológica, que prejudica os docentes e contamina todo o ambiente escolar. Nas palavras dos autores Moreira, Santino & Tomaz (2017); Schreiber & Antunes (2010); Bonanmingo et al. (2011), esse tipo de violência desencadeia pedidos de afastamento, atestados médicos e faltas frequentes, que são geradores de sofrimento psíquico e de desgaste emocional mental, advindos desse problema. Muitos docentes ficam abalados pela situação de violência, que passam a necessitar de tratamentos prolongados, com médicos especializados, para retornarem à sala de aula.

4.5 A violência contra os professores

A situação de violência nas escolas é um fator bastante discutido na contemporaneidade, e ainda que muitas pesquisas e análises sobre o tema sejam realizadas, só teremos resultados se todos na sociedade se conscientizarem de que esse mal pode assolar a sociedade e prejudicar alunos e professores. As autoridades devem se preocupar com a violência na educação e, a partir de ações e políticas públicas, buscar amenizar e até resolver a situação.

O autor Mendes (2014), ao analisar o contexto de violência contra os professores no Rio Grande do Sul, teve como modelo para pesquisa 10) escolas públicas e privadas, em 10 municípios, conversando com aproximadamente 108 docentes, através de questionários, pode obter um resultado importante sobre o assunto. O resultado obtido foi alarmante, visto que se

percebe que a violência vem se ampliando e de acordo com os dados obtidos tiveram 58 professores que sofreram agressões verbais, 36 professores foram vítimas de ameaças e 14 tiveram a agressão físicas consumadas. Destes, 53 professores afirmaram ter que se retirar da sala de aula em busca de auxílio para controlar a situação de violência cometida pelos alunos na sala de aula; 38 professores que participaram da pesquisa acreditam que a melhor opção é não revidar, e 17 professores tiveram sentimento de pressão, pois os alunos se amparam na lei para cometer as agressões.

Ainda, temos a pesquisa de Rocha et al. (2012), realizada no Rio Grande do Norte, que teve como caso 2 escolas e a participação de 121 professores, distribuídos em 62 de instituição pública e 59 de instituição privada. Desses, 68 professores, 51 funcionários e 2 diretores tiveram a agressão física consumada por alunos. Ainda, 37 dos pesquisados foram vítimas de *bullying*, totalizando 30,58%, e 36 dos pesquisados, totalizando 97,30%, foram de fato agredidos por alunos.

Diante das pesquisas realizadas pelos autores Mendes (2014) e Rocha et al. (2012), observam-se que os dias atuais estão cada vez mais críticos e a violência vem se ampliando, e os professores sofrem a cada dia com ações e atitudes de alunos que agem de formas violentas e agressivas. Ainda, as autores Ferrari & Araújo (2005) saíram a campo para analisar a questão da violência no ambiente escolar e pesquisaram 36 professores e 18 alunos, em 3 escolas da rede privada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Através de questionário e entrevistas, obtiveram respostas que apontam para possíveis agressões e ampla violência, assim, em média, 66,6% declararam ter sofrido agressões verbais e, do total, 77,7% declararam ter encontrado falta de limites e profundo desrespeito nas discussões e brigas com alunos. Assim, todos os entrevistados declaram que, além dos alunos apresentarem atos de violência, também é desinteressado e não tem vontade de aprender, causando muita insatisfação, desgaste que interfere na relação professor/aluno.

Assim, percebe-se que a violência no ambiente escolar vem se ampliando e prejudicando de forma considerável o ensino-aprendizagem, são notáveis as dificuldades enfrentadas pelas escolas. Diante disso, Bonamigo et al. (2011) realizaram um levantamento mais detalhado sobre as práticas violentas no ambiente escolar, para isso foi a campo em 13 escolas de Chapecó, Santa Catarina. Suas análises e reflexões foram baseadas em questionários aplicados a 693 alunos do ensino fundamental e médio, 123 famílias e 147 professores. O resultado contribui para análise, visto que detectou a presença de agressões verbais, ameaças, agressões físicas, assédio sexual, furtos, tráfico de drogas, além de danificação ao patrimônio escolar. Destes, podem-se detalhar em suas pesquisas que 88% dos estudantes, 83% dos professores e 78% das

famílias sofrem por agressões verbais. Quando o assunto envolve agressão física entre alunos, foram detectados dados alarmantes, com 81% dos professores, 73% dos estudantes e 68% das famílias que já tiveram a violência física de fato consumada. Além disso, as ameaças também apontam dados alarmantes, com 65% dos professores e 79% dos alunos. No quesito furtos, foram 57% entre alunos, 55% nas famílias e 53% dos professores. Com isso, a danificação do patrimônio público e prejuízo ao professor foram de 70%.

Ao analisarmos os dados com cuidado, percebemos que os professores, além de sofrerem com a violência, não recebem incentivo por parte dos governantes, tendo seus salários defasados e más condições de trabalho, considerando que, diante de tanta atrocidade, o desrespeito pelo professor vem sendo muito destacado, tanto por parte dos governantes como por parte dos alunos.

Diante da realidade vivida pelas escolas com condições estruturais precárias, salas de aula superlotadas, indisciplina e sobrecarga de trabalhos, prejudicam e desencadeiam atos e ações de violência devido às dificuldades e desafios a serem enfrentados, para Boarini (2017); Ferreira & Cunha (2016); Lobato (2016), ao discorrerem sobre a indisciplina, ausência de família, o desinteresse, a ausência de limites. Dos Santos & Rosso (2012); Oliveira (2014), Prioto & Bontetti (2009) configuram e apontam para as representações dos docentes, como alunos mal-educados, sem limites, desinteressados, agressivos prontos para praticarem a violência física, verbal e indireta.

Ao tratarmos sobre os fatores que levam a violência na escola, devemos considerar a vivência que a criança carrega e a realidade que vive na sociedade. Por exemplo, a criança está inserida, mas as dificuldades financeiras são tantas que muitos não possuem nem mesmo o alimento básico para sobreviver e acabam até tendo como única refeição o lanche servido na escola. Embora a violência ocorra de fato, o cerne da causa vai muito além da criança, vem da falha do sistema capitalista no qual a sociedade se encontra inserida.

Como resultados, encontram-se no ambiente escolar a vivência e experiência em relação às dificuldades enfrentadas pelas famílias, como forma de um retrato que se apresenta na escola e, ao se encontrar e chocar com diversos fatores e experiências, principalmente problemas sociais, ocorre a reação como resposta que se apresenta em alunos que agem de forma violenta contra professores e colegas.

Na sociedade contemporânea e com os avanços tecnológicos, muitas são as opções de coagir de forma anônima, assim, atualmente, tem surgido uma nova forma de praticar a violência, podendo causar pânico aos professores e danos psicológicos graves através das redes virtuais da internet ou telefone móvel. O aluno, ao descobrir o número do telefone do professor,

passa a realizar ligações e enviar mensagens para causar intimidação. Essa nova forma de violência virtual ficou conhecida e denominada por *cyberbullying*.

O *cyberbullying* é um meio pelo qual as pessoas utilizam-se da internet para coagir, humilhar, agredir e expor a vítima através de comentários em rede sociais, mensagens e *e-mails*. De acordo com Figueiredo e Mattos (2018), o *cyberbullying* não tem definição específica, ainda assim, as definições encontradas apontam para um tipo específico de *bullying* no qual um indivíduo ou grupo, de forma proativa e repetida, assedia através de *e-mails*, mensagens de texto ou publicação de comentários do desagrado da vítima. Essa forma de agressão virtual pode acarretar danos psicológicos aos professores, além de ser uma forma atual em que adolescentes, através do anonimato, perseguem, agredindo e coagindo os professores em uma violência virtual.

Quando se fala em uso de rede sociais, cada vez mais é precoce a utilização desse meio para se relacionar, pois a internet proporciona rapidez e agilidade no mundo pós-moderno, dividido entre a velocidade dos avanços das tecnologias e utilização desse meio para trabalho e diversão. Seja em casa, na escola, no trabalho, cada vez mais os jovens a utilizam, através de *tablets*, *smartphones*, computadores ou *notebooks*, para se comunicarem. Esse tipo de comunicação extrapola e vai muito além daquilo que se possa utilizar como ferramenta de trabalho, pesquisa ou postagens de fotos, mensagens ou quaisquer outras coisas para seu benefício.

Os adolescentes e jovens descobriram na internet, através das redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, ou mensagens de *e-mails*, novas formas de agredir os professores. Segundo Figueiredo & Mattos (2018), o *cyberbullying* têm sido um comportamento que está em ascensão entre os adolescentes. Visita-se de forma sistemática o perfil de alguém numa rede social, envia *e-mails* com frequência. São necessários quatro requisitos importantes para que se configure a “cyber perseguição”, que é o desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor, intenção deliberada de causar dano a alguém, repetição de comportamento, e mau uso da tecnologia.

O autor Gomes (2012),¹ ao pesquisar professores relacionados ao tema, destacou que um terço dos professores declararam ter sido alvo de *cyberbullying*, sendo que foram praticados por 61% dos alunos. Em suas análises, considerou que o *cyberbullying* tem sido praticado via internet e telefone móvel de forma intimidadora e agressiva, causando medo e se tornando ato de violência inclusive de forma psicológica, gerando insegurança e medo. As novas tecnologias estão sendo as formas mais rápidas e ao mesmo tempo eficazes para a prática de *cyberbullying*.

¹ A pesquisa de Gomes (2012) foi conceituada de grande relevância com participação no II Congresso Internacional TIC e Educação realizada na cidade de Lisboa, o autor realizou sua pesquisa com 3.426 professores.

Para se ter uma ideia, 36,9% dos entrevistados utilizaram os telefones móveis, inclusive foram enviadas mensagens de textos, vídeos e até mesmo áudios via celulares.

exigem-na contemporaneidade, é premente que a sociedade tenha preocupação e, especialmente no ambiente escolar, busquem-se estratégias para se aproximar dos alunos com a disposição de exercer a função de professor e orientador, auxiliando e sendo um docente mediador do conhecimento, promovendo assim oportunidades de se fazer um ensino diferenciado. Cada um dos professores deve cumprir seu papel e estar preparado para diferentes situações que ocorrem no ambiente escolar, orientar e conduzir situações e ações que podem muito contribuir para o ensino-aprendizagem. Ao passo que as novas tecnologias podem ser um atrativo para despertar no aluno o interesse pelo ensino e a participação ativa de todos nas atividades no cotidiano da escola.

A escola deveria ser um ambiente acolhedor e haver harmonia entre as partes que nela convivem, na promoção de aprendizagem e educação de forma ampla e coletiva, com o intuito de educar e formar cidadãos críticos e participativos na sociedade. Entretanto, ao contrário, a escola tem perdido seu papel, sendo acolhedora de violências e desarmonia, o que se torna lamentável.

PARTE 2 – METODOLOGIA E COLETA DE DADOS

5. Metodologia

5.1 Definições do tipo de pesquisa

Esta pesquisa está caracterizada por ser uma pesquisa descritiva exploratória, com o intuito de compreender as agressões sofridas pelos professores por meio dos seus alunos nas escolas da rede pública no estado do Mato Grosso do Sul, com o objetivo de esclarecer e denotar soluções para este problema.

Quando nos preocupamos com o método de pesquisa, temos que estar atentos à forma adequada para que se torne uma pesquisa qualitativa e quantitativa significativa, mesmo que se revele como grande desafio a ser enfrentado. De acordo com Campos (2004), no universo das pesquisas qualitativas, a escolha do método e técnicas para a análise de dados deve, obrigatoriamente, proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados recolhidos no período de coleta. Assim, temos que observar as pluralidades dos significados em sua totalidade, de forma natural, e para as falhas buscar as soluções cabíveis como forma de resolução ou de amenizar a situação da realidade exposta. Os dados devem ser compreendidos como um conjunto de técnicas e pesquisas que, ao serem investigadas, trazem veracidade e embasamento a este trabalho. Ainda, as interpretações dos dados da realidade estudada apresentam muitos problemas que, ao serem destacados, merecem ser analisados. Com isso, são apontadas reflexões que venham a contribuir para a solução.

A pesquisa descritiva exploratória, segundo Gil (2008), é aquela que estuda as características de determinadas populações, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como questionário, proporcionando maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. A pesquisa descritiva exploratória tem como o objetivo principal o aprimoramento de ideias ou as descobertas de intuições, através da aplicação do questionário e a observação sistemática.

Na pesquisa descritiva, realiza-se o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador, sendo feitas coletas de informações em campo, no dia a dia do contexto, para que assim se veja claramente de que forma isso interfere no contexto global. São exemplos de pesquisa descritiva as pesquisas mercadológicas e de opinião, segundo Barros & Lehfeld (2007).

A pesquisa descritiva deve possuir duas variáveis: espontaneidade, na qual o pesquisador não interfere na realidade, mas observa o fenômeno a ela vinculado; e naturalidade, em que os fatos são estudados em seu habitat natural. A identificação, as variáveis, o registro e a análise das características da pesquisa são processados pelo processo descritivo que se relaciona com o fenômeno.

5.2 Caracterização e critérios de seleção dos participantes

A pesquisa foi realizada com 204 professores da rede pública de ensino no estado de Mato Grosso do Sul, escolhidos por critério intencional e acessibilidade. A Tabela 1 apresenta a distribuição dos professores na coleta de dados com predomínio do sexo feminino e da área de Educação Física.

Caracterização do número de participantes em relação à sua faixa etária.

Sexo	Quantidade de professores	Idade mínima	Idade máxima	Idade média
Feminino	150	22	60	38,52
Masculino	54	24	64	39,70

Área de concentração	Quantidade de professores
Apoio/Intérprete	01
Arte	06
Biologia	05
Ciências	12
Coordenação Pedagógica	05
Educação Física	45
Filosofia e Sociologia	06
Geografia	15
História	14
Língua Inglesa	16
Língua Portuguesa	20
Matemática	18
Química	02
Regência (Educação Infantil e Anos Iniciais)	39

6. Coleta de dados

Para que ocorresse o processo de análise, foi necessário que nessa etapa houvesse uma organização para obtenção das informações. Partimos de uma estratégia para alcançar o objeto da pesquisa, a fim de alcançar êxito.

Segundo Lakatos & Marconi (2000), as técnicas de coleta de dados “são um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência; são, também, as habilidades para usar esses preceitos ou normas, na obtenção seus propósitos”. É a parte prática do conteúdo coletado, passa a ter uma direção aonde o pesquisador procura responder o objetivo.

Para que a coleta de dados ocorresse, procuramos inicialmente a direção das escolas públicas, explicando o real motivo da pesquisa e a estratégia metodológica a ser aplicada, com uma Carta de Apresentação (ANEXO 1), e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (ANEXO 2), que foram entregues aos professores, juntamente com os questionários. O anonimato dos sujeitos pesquisados foi preservado, sendo relevantes os dados que foram preenchidos no questionário.

A coleta de dados também ocorreu por meio de grupos de *WhatsApp* de professores, que foram postados por diretores, coordenadores e professores. Nesses grupos específicos, no questionário *on-line*, já estava o TCLE, preservando o anonimato do professor. Ele lia o Termo e em seguida concordava ou não em participar da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada durante os meses de abril, maio, junho, agosto, novembro do ano letivo de 2019. Foram convidados 500 professores, totalizando um número de 204 professores de 20 escolas que atuam em escolas públicas, nas cidades de Corumbá, Dourados, Campo Grande, Amambaí, Itahum, Sete Quedas, Angélica, Caarapó, Ladário do Mato Grosso do Sul, todos ativos como docentes nas escolas. Alguns critérios foram estabelecidos para o desenvolvimento desta pesquisa, sendo que os participantes deveriam ser: (1) professores licenciados em pleno exercício profissional; (2) mínimo de um ano de experiência docente; (3) ministrando aulas no ensino público estadual; (4) carga horária semanal superior a 10 horas/aula.

Procuramos, dessa forma, reunir o máximo possível de informações sobre a coleta de dados pelos professores, percorrendo várias escolas do município de Dourados e Campo Grande. Entregamos o questionário para os diretores e professores no intervalo, e percebemos que não havia um comprometimento, por parte dos professores, com a pesquisa, não se dando muita importância. Os relatos dos coordenadores eram que os professores estavam muito atarefados com as questões escolares.

6.1 Instrumentos de pesquisa

Para que o pesquisador possa levantar os dados iniciais e alcançar ações de intervenções, ele se apropria dos instrumentos de pesquisa, para ter êxito em seu objetivo.

Segundo Monteiro (2010), instrumentos são meios de coleta de dados, como por exemplo, questionários, autorrelato, entrevista, observação de aulas. Além desses instrumentos, podemos destacar o grupo focal ou grupo de discussão para trabalhar em grupo.

A pesquisa foi realizada através de um questionário contendo questões fechadas e abertas, a partir dos estudos de Levandoski, Ogg & Cardoso (2011), e as adaptações realizados por Santos, Taques & Levandoski (2019).

De acordo com Gil (2008), questionário é um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. Gil (2008) ainda discorre que o questionário possui muitas vantagens como instrumento de pesquisa, que além de ter menos gasto com pessoal, pois não precisa dar treinamento para o pesquisador, ele possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio.

Justificamos a aplicação do questionário por ser um instrumento que possa proporcionar dados relevantes para o objeto de estudo dessa pesquisa, a fim de obter várias informações que poderão dar um panorama de como é a relação no ambiente escolar entre aluno e professor no desencadeamento de episódios violência em 9 cidades de Mato Grosso do Sul.

O questionário foi adaptado por Santos, Taques & Levandoski, (2019) e aplicado aos professores como um instrumento de pesquisa, com a atenção de verificar como é a relação entre professor e aluno no ambiente escolar diante os possíveis episódios de violência nesta relação. Para que houvesse essa verificação de possíveis episódios de violência, esse questionário foi organizado na sequência numérica, como:

(1) Você já vivenciou ou vive algum episódio referente a “atos de violência” no ambiente escolar?

(2) Você já recebeu ou recebe insultos verbais de seus alunos?

(3) Você já teve seus pertences, furtado ou danificado e desconfia que sejam seus alunos?

(4) Você já foi intimidado por algum aluno que portava arma de fogo ou branca?

(5) Você já vivenciou ou vive alguma situação de extorsão, tendo que favorecer contra sua vontade alguns de seus alunos a passar de ano ou favorecer seu desempenho?

(6) Você teme ou temeu por sua integridade física ao repreender por qualquer motivo algum aluno?

(7) Você teve receio de impedir uma situação de conflito entre os alunos por receio de sofrer com represálias por partes deles em outras oportunidades?

(8) Sentiu-se assediado (a) sexualmente por alunos (as) durante exercício da profissão?

(9) Existe algum espaço físico na escola onde você sente-se inseguro ou intimidado no momento?

(10) Sentiu-se ameaçado ao ponto de pedir segurança policial para entrar ou sair da escola?

(11) Você já tentou pedir ajuda a seus superiores?

O questionário apresentou uma consistência interna de $\alpha = 0,902$ (Alpha de Crombach) obtido em um estudo piloto não publicado. A escolha dos sujeitos seguiu alguns critérios para responder a esse questionário; como sendo pertencente da rede pública de ensino, carga horária de, no mínimo, 10 horas e, no mínimo, 1 ano de docência.

A pesquisa será uma reflexão sobre a violência praticada pelos alunos contra os docentes da rede pública de ensino no estado de Mato Grosso do Sul, os instrumentos de pesquisa foram baseados a partir dos estudos de Levandoski; Ogg Cardoso (2011). Tendo como foco verificar como a relação entre os professores e os alunos se desenvolvem no ambiente escolar diante dos possíveis episódios de violência nesta relação entre ambas, que atualmente vem apresentando como um realidade lamentável e prejudica o ensino aprendizagem nas escolas, afetando também as relações entre os envolvidos, causando uma série de dados tanto para o professor quanto para os alunos, interferindo principalmente na qualidade do ensino oferecido nas escolas diante dos fatores de violência no ambiente escolar.

Neste posicionamento, podemos observar que a pesquisa está diretamente ligada ao meio prático da profissão da docência, apresentando experiências vividas no cotidiano da profissão, estudadas e desenvolvidas teoricamente no decorrer do período de transição teoria e prática, através das pesquisas desenvolvidas teremos resultados diretos podendo assim preparar-se para quaisquer das situações citadas.

Esta reflexão nos permite analisar e estudar as atitudes e situações, apontando os maiores problemas direcionados à violência nas escolas públicas no momento atual vivido. No sentido de ampliar as análises e desenvolver ações, com o intuito de corrigir esse problema no âmbito

escolar, priorizando a melhoria nos números de ocorrências para o maior benefício, tanto para a escola, quanto para os alunos e até mesmo para comunidade em que a escola está inserida.

6.2. Análises dos dados

Os dados foram analisados através do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 18.0).

A interpretação dos dados partiu das informações coletadas no campo de pesquisa. Para isso, utilizamos como técnica para fazer a interpretação dos dados coletados através do questionário, o SPSS.

A interpretação e análise dos dados foram organizadas e sistematizadas sendo agrupadas em categorias a partir do levantamento de dados coletados nesta pesquisa científica. Entretanto, os assuntos levantados e organizados através da inferência das respostas dos professores merecem destaque como dados relevantes na investigação da pesquisa.

6.3 Questões éticas

O estudo seguiu as diretrizes e normas regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos elencados na resolução número 466/2012 da Comissão Nacional da Saúde e foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal da Grande Dourados, sob o número de parecer 1.715.577.

PARTE 3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

7. Resultados

Os resultados obtidos durante esta investigação foram realizados através de um vasto processo de análises bibliográficas e investigação a campo construído através de questionários que abordam questões fechadas e abertas a partir dos estudos de Levandoski e Ogg Cardoso (2011), com a preocupação de verificar como é a relação entre professor e aluno no ambiente escolar diante dos possíveis episódios de violência nesta relação.

Ao pensarmos nos métodos e questões a serem abordadas que atendessem às exigências desta proposta, nos deparamos com questionamentos importantes e fundamentais para a análise do tema proposto. De acordo com Campos (2004), as pesquisas devem apresentar os dados e ter veracidade, assim serem embasados cientificamente, apresentando as análises de dados coletados, proporcionando um olhar diferenciado e diversificado sobre o tema proposto, quanto mais natural for as respostas coletadas, maior a possibilidade e precisão dos resultados.

Apesar de esta pesquisa indicar um grande desafio, os dados coletados atenderam as necessidades para apresentar as informações no qual o objetivo desta pesquisa se debruça. Para concluir os dados aqui apresentados, foi realizada uma avaliação minuciosa das informações adquiridas.

No questionário em questão, tivemos os tipos de violências desenvolvidos sobre essa temática, ação e a descrição dada pelos entrevistados, que demonstraram que, dentre os tipos de violência, tais como a emocional, física, verbal, sexual e patrimonial, obtém-se um resultado maior nas violências verbais. Dentre o resultado das agressões verbais, a mais acusada pelos entrevistados é a agressão verbal, palavrões de baixo calão como xingamentos realizados pelos alunos; entre as violências patrimoniais, na opinião dos entrevistados, é o carro sendo riscado, pneus furados ou murchos; já analisando os crimes que por lei se tornam ainda mais sérios, são as ameaças com arma branca (faca ou estilete), que se torna o primeiro colocado pelos professores entrevistados; a extorsão feita pelos alunos, na visão do professor, é o conselho de classe. Nesse momento, o professor se torna autoridade, com o poder de reprovar ou aprovar o aluno nesse ano letivo.

Já fisicamente, a intimidação vem em primeira colocada nas respostas do questionário; o medo de sofrer represália são as brigas de alunos, as violências sexuais que também ocorrem através dos bilhetes e cantadas indiretas, elogios desnecessários, insinuação. Frases inadequadas e gestos sobre corpo se tornam o mais cometido pelos alunos, de acordo com o questionário. A insegurança no ambiente escolar são muitas, como insegurança no lado de fora da escola, em outros lugares, tendo como metade dos entrevistados já pedindo ajuda para autoridades policiais.

Para que pudéssemos compreender sobre essa temática, e os professores respondem sobre essa questão, disponibilizamos o **Quadro 1: Questionário aplicado aos docentes para obtenção da pesquisa em campo** que se encontra nos apêndices desta pesquisa.

As tabulações das informações obtidas foram organizadas de forma quantitativa e qualitativa, somando um total de 204 professores entrevistados, na qual se apresentam resultados sobre o tema proposto neste trabalho. Muitos professores que foram convidados a fazerem parte desta pesquisa não mostraram interesse em contribuir com a pesquisa e fingiram não entender, optando por não contribuir com as informações para levantamentos de dados.

Os dados obtidos apontam informações alarmantes e lamentáveis sobre uma análise contemporânea: a violência praticada pelos alunos contra os docentes na rede pública de ensino no estado de Mato Grosso do Sul.

Podem-se verificar os dados na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 - Idade escolar na prática da violência

Nenhuma	Até 11 anos	12 – 15 anos	Acima de 15 anos	Outras faixas etárias
6	13	80	12	42
Total de respostas: 153				

As indicações das pesquisas na Tabela 1 apontam que, mesmo em início de idade escolar, os alunos já indicam atos de violência, sendo que os relatos apontam que a idade escolar na prática de violência varia de acordo com faixa etária. O total de respostas foi de 153, totalizando 75%, sendo que 51 não responderam, com 25%.

Foram assim distribuídas em: 6 responderam nenhuma, totalizando 3,92%; 13 com idade até 11 anos, totalizando 8,49%; 80 com idade de 12 a 15 anos, total de 52,28%; 12 acima de 15 anos, com 7,84%, e para outra faixa etária temos o total de 42 respostas, com 27,47%.

O índice de violência classificada por idade se apresenta desde cedo, quando iniciam seus estudos e se deparam com o ambiente escolar, a socialização com os colegas e professores. Percebe-se que a maior taxa está na idade entre 12 e 15 anos, período pelo qual as crianças estão passando pela adolescência e a realidade escolar pode assustar e causar estranhamento. Assim, algumas crianças não se sentem preparadas para respeitar as regras ou mesmo obedecer pessoas que não são da família, criando uma certa forma de resistência e dificuldade para se relacionar, o que torna mais difícil o processo de ensino-aprendizagem.

Tabela 2 – Violência direta e indireta e suas consequências

Tipo de violência	Ação	Consequências	Quantidade de respostas
Emocional	Direta	Estresse, acompanhamento, sobrecarga, transtorno mental, depressão, pânico, ansiedade, fobia social, violência psicológica.	24
	Indireta	Violência simbólica, prejuízos materiais e psicológicos, desrespeito dos pais, brigas entre pais, enfrentamento com estudantes e pais.	05
Física	Direta	Agressão física, soco de aluno na sala de aula, violência entre alunos, brigas de alunos em sala de aula, briga de pai com outro pai na escola, briga de mãe com outra mãe na escola, a criança cuspiu na cara, rasgou a roupa e bateu no rosto.	15
	CRIME	Ameaça ao professor, uso de facas contra o professor, ameaça de morte entre alunos, uso de faca e tentativa de homicídio contra aluno, disparo de arma de fogo contra um aluno no interclasse da escola, ameaça ao professor com arma branca, disparo de arma de fogo, drogas na escola, homicídio contra aluno em frente da escola, morte por acerto de contas entre alunos.	11
	Indireta	Professor presenciando o colega sendo agredido por aluno, agressão física ao outro professor, brigas de alunos na sala de aula, brigas de alunos no pátio da escola, violência entre alunos, briga de pai com outro pai na escola, briga de mãe com outra mãe na escola, chute de aluno na mesa do colega.	16
Verbal	Direta	Violência verbal contra o professor, ameaça ao professor, enfrentamento com estudantes e pais, violência simbólica, desrespeitos dos pais, indisciplina, turmas indisciplinadas, desobediência, descaso e gritos de alunos,	25

		desacato aos professores e funcionários da escola, palavrões.	
	Indireta	Ameaça ao colega, colega sendo ameaçada, violência verbal de aluno contra o colega de profissão.	08
Sexual	Direta		-
Patrimonial	Direta	Prejuízos materiais, violência institucionalizada, material roubado (provas elaboradas).	04
	Indireta		-
Total de respostas: 108			

Diante as pesquisas aqui apontadas, podemos observar na Tabela 2 que as violências praticadas pelos alunos contra os professores de forma direta e indireta obtiveram um total de 108, sendo 53,43% respostas, e 95 ou 46,57% optaram por não responderem. Assim, apresenta-se um quadro alarmante, tendo destaque a violência de âmbito emocional; foram categorizadas por violência direta 24 respostas, representadas por 22,01%. Formalizadas, apontaram doenças emocionais causadoras de danos físicos e psicológicos nos docentes, como estresse, geradas por sobrecarga de trabalho, com uma jornada longa de aulas; transtornos mentais, depressão, professores que necessitaram de acompanhamento médico, pânico, ansiedade, fobia social, violência psicológica, entre outros.

A violência emocional indireta obteve 5 respostas, que se apresentam 4,58% dos casos e sua ocorrência resultou em violência simbólica, prejuízos materiais e psicológicos, desrespeito dos pais e familiares, enfrentamento com estudantes e pais diante de professores, ao passo que a violência vem se materializando e deve contornar a situação, apaziguando pais e alunos extremamente nervosos. Percebemos que a violência direta apresenta maior taxa e é mais frequente de acordo com os relatos obtidos, enquanto as violências indiretas são menos frequentes.

Os casos de violência física estão divididos em direta, crime, indireta, verbal, patrimonial. Esses casos foram tratados individualmente. Violência física de forma direta totalizou em 15 respostas, representadas por 13,76%, por meio de agressões físicas; socos de alunos na sala de aula, violência entre alunos, brigas de alunos em sala de aula, pai brigando com outro pai na escola, briga de mãe com outra mãe na escola, criança que cuspiu na cara do colega e também do professor, criança que rasgou as roupas dos colegas e também do professor, criança que se desferiu tapas no rosto do colega e também do professor. São atos e ações que se apresentam no dia a dia da escola como forma de convivência, assim consideradas muito preocupantes as formas que vão se tomando e se configurando no ambiente escolar.

As violências físicas consideradas como crimes tiveram um total de 11 respostas, representadas por 10,09%, que se configuram por ameaças aos professores; uso de facas contra professores; uso de tesouras contra professores; ameaça de morte contra alunos e professores; uso de faca na tentativa de homicídios contra alunos e professores; disparos de armas de fogo contra alunos durante atividade cultural dentro da escola; ameaça contra o professor com arma branca; disparo com armas de fogo nos pátios da escola; drogas na escola, homicídio contra alunos em frente à escola e morte contra alunos e professores.

As violências físicas indiretas foram totalizadas em 16 respostas, sendo 14,67%, considerando ameaças contra o professor e presenciando um colega agredir o outro. Frequentemente, agressões físicas contra professores, brigas de alunos na sala de aula, brigas de alunos no pátio da escola, violência entre alunos, brigas de um pai com outro pai na escola, briga de mãe com outra mãe na escola, chutes de alunos nas mesas dos colegas e diretamente contra seus colegas. Diante desses relatos, destacamos que o maior índice de violência são as indiretas, pois suas ocorrências estão no cotidiano da escola e iniciam nas relações estabelecidas dentro da sala de aula para os pátios da escola, podendo se estender para ambientes externos à escola.

As violências físicas de características verbais na forma direta tiveram 25 respostas, totalizando 22,93%, considerando ações de violência verbal contra professores, ameaça ao professor, enftretamento com estudantes e pais, violência simbólica, desrespeitos dos pais, indisciplina, turmas indisciplinadas, desobediência, descaso e gritos de alunos, desacato aos professores e funcionários da escola, palavrões. E as violências físicas indiretas obtiveram 8 respostas, com um total de 7,54%. Observa-se que as violências de características verbais tiveram um índice alto, devido à facilidade que as crianças apresentam para utilizar palavras como formas de agressão, que muitas vezes não podem ser contidas em sua forma de expressar sentimentos de raiva e fúria contra um professor ou colega de sala.

Nos casos de violência patrimonial direta, foram calculadas 4 respostas com uma porcentagem de 3,51%, apontando apresentar prejuízos materiais, violência institucionalizada, material roubado como, por exemplo, provas elaboradas e atividades preparadas pelos docentes. Em relação às violências patrimoniais indiretas, os docentes não responderam, deixando em branco.

Tabela 3 – Falas dos professores para a solução para problema violência na relação Professor x Aluno.

Soluções	Quantidade de respostas
Desrespeito, desinteresse e violência na escola	02
Governo (dar suporte, obrigar a família, segurança, qualidade, medida judicial, presença de guarda, detector de metal, punições mais duras, Responsabilidade judicialmente para os pais, policiais, conjunto de órgãos protetores, ajuda das autoridades, normas cabíveis, leis severas para os alunos, pagamento de indenização, apoio do poder público e judiciário, policiamento e rondas escolares, verbas para educação, regulamento mais rigoroso, denunciar, dar andamento à ocorrência).	35
Família (presença na vida dos filhos, conscientização; estrutura familiar, ações constantes com os pais, família parceira da escola, responsabilidade familiar, Núcleo familiar, Educação familiar, Orientação com os filhos, Resgate de valores familiares, imposição de limites pela família, falta de pais para educar, trabalho conjunto como os pais e conselho tutelar).	58
Reduzir o número de alunos (diminuição de alunos, sala com, no máximo, 20 alunos, mais recursos, distorção de idade/série).	6
Equipe multidisciplinar (psicóloga rede de apoio de acompanhamento, assistentes sociais).	6
Conscientização (diálogo, tolerância e paciência, contribuição da sociedade, respeito, falta de consequência, ser flexível, escuta ambos os lados).	18
Valorização do professor (Formação de professores; investimentos em projetos, desvalorização do professor, melhoria da educação, autonomia do professor, política de respaldo ao professor, qualidade para alguns professores, proteção aos professores, políticas públicas, e projetos esportivos, resgate da autoridade do professor).	14
Leitura do regimento escolar (Mudança no País, impunidade na escola, competência da escola).	5
Total de respostas:	144

Os dados obtidos na Tabela 3 tratam sobre as falas dos professores para a solução de problema de violência na relação Professor X Aluno. O total de respostas foram 144, sendo uma porcentagem de 70,58%, sendo que 60 não responderam, com 29,42%. Obtém-se um quadro bem interessante, pois solicitamos informações sobre solução de acordo com a opinião de cada docente. Foram obtidas 2 respostas com um total de porcentagem de 1,38%, que caracterizam desrespeito, desinteresse e violência na escola, a fala dos professores nos remete aos métodos de ensino que devem ser atrativos e chamar atenção do aluno despertando seu interesse em participar das aulas e das atividades propostas. Assim, 35 respostas, sendo 24,30% consideraram que os governos poderiam dar suporte, obrigar a família, segurança, qualidade, medida judicial, presença de guarda, detector de metal, punições mais duras, responsabilidade judicialmente para os pais, policiais, conjunto de órgãos protetores, ajuda das autoridades,

normas cabíveis, leis severas para os alunos, pagamento de indenização, apoio do poder público e judiciário, policiamento e rondas escolares, verbas para educação, regulamento mais rigoroso, denunciar, dar andamento a ocorrência. O maior número de respostas foram 58 totalizando a porcentagem de 40,27% que apresentam as famílias como o centro do problema, falta de presença na vida dos filhos, conscientização; estrutura familiar, ações constante com os pais, família parceira da escola, responsabilidade familiar, Núcleo familiar, Educação familiar, orientação com os filhos, Resgate de valores familiares, imposição de limites pela família, falta de pais para educar, trabalho conjunto como os pais e conselho tutelar.

Percebe-se a carência que a escola tem da participação da família na escola, vistos que são elaborados diferentes projetos de participação das famílias no processo acadêmico de seus filhos. Com 6 respostas caracterizando 4,16%, respondeu que reduzir o número de alunos nas salas de aula pode ser uma boa solução, a diminuição de alunos, sala com no máximo 20 alunos, mais recursos, distorção de idade/série. Ainda com 6 respostas num total de 4,16%, temos como solução a Equipe multidisciplinar (psicóloga rede de apoio de acompanhamento, assistentes sociais). Com 18 respostas e num total de 12,50% se destaca a Conscientização (Diálogo, tolerância e paciência, contribuição da sociedade, respeito, falta de consequências, ser flexível, escuta ambos os lados). E com o total de 14 respostas, sendo 9,72%, indicam que a Valorização do Professor (Formação de professores; investimentos em projetos, desvalorização do professor, melhoria da educação, autonomia do professor, política de respaldo ao professor, qualidade para alguns professores, proteção aos professores, políticas públicas, e projetos esportivos, autoridade do professor). E, por fim, com 5 respostas com um total de 3,48% as Leituras do regimento escolar (mudança no país, impunidade na escola, competência da escola). Assim, as respostas encaminham para a dedução de que os docentes consideram haver soluções e é fundamental que toda a sociedade trabalhe juntas para fazer uma educação diferente que realmente traga um ensino de qualidade para a sociedade contemporânea, visto que a própria sociedade exige mudanças, pois através desta pesquisa percebe-se a urgência sobre a reflexão da educação nos dias atuais.

Em relação à pergunta quanto aos tipos de violência cujos professores sofrem ou já sofreram por parte dos alunos nas escolas, observamos os dados na Tabela 4, os quais apontam diversos tipos como violência verbal, violência patrimonial, violência com crime, extorsões medos contra integridade física, medos de sofrer represália, violências de caráter sexual e assédio, inseguranças no ambiente escolar e, por fim, o pedido de ajuda policial. Com esses resultados dos dados obtidos, para cada tipo das principais ocorrências de violência no ambiente

escolar elaboramos os quadros de índice para as respostas, que veremos a seguir nas Tabelas 4.1 a 4.9.

Dessa forma, apresentamos as informações sobre violências verbais na Tabela 4.1 a seguir:

4.1 Violências verbais	
Tipo	Quantidade de respostas
Agressão verbal	02
Agressão verbal (palavrões de baixo calão, xingamentos, bruxa, cachorro)	34
Agressão verbal (repreensão, indisciplina, uso de celular)	09
Agressão verbal (ameaça de morte ameaça)	06
Agressão verbal (apelidos)	01
Agressão verbal (insultos)	16
Agressão verbal (afronta)	05
Total de respostas:	73

Na Tabela 4.1 o total de respostas foram 73, numa porcentagem de 35,78% não responderam, representando 64,22%. Foram classificados de acordo com o tipo: a agressão verbal obteve 2 respostas, com 2,79%. Já a agressão verbal com palavrões de baixo calão, xingamentos pejorativos como, por exemplo, “bruxa”, “cachorro”, entre outros, tiveram o maior índice de respostas, com 34, obtendo um percentual de 46,57%. A agressão verbal em forma de repreensão, indisciplina, uso de celular, teve 9 respostas, com 12,32%. A agressão verbal com apelidos teve 1 resposta, com 1,36%. A agressão verbal com insultos teve 16 respostas, com porcentual de 21,91%. E, por fim, a agressão verbal com afrontamento teve 5 respostas, obtendo 6,84%. Assim, percebemos que as violências verbais são frequentes e seus índices de ocorrência vêm se destacando no ambiente escolar.

4.2 Violências patrimoniais	
Tipo	Quantidade de respostas
Carro (riscado, pneus furados, pneus murchos)	13
Celular (roubado)	04
Dinheiro (roubado dentro da mochila ou bolsa)	01
Materiais pedagógicos (livros, apagador, <i>pen drive</i> , canetão)	04
Material esportivo	01
Total de respostas:	23

As violências patrimoniais estão representadas na Tabela 4.2, o total de respostas foram 23 respostas, sendo uma porcentagem de 11,27%, sendo que 181 não responderam, com 88,73%. Também ganham seus espaços e são preocupantes visto que levam a prejuízos financeiros, algumas são carro riscado, pneus furados, pneus murchos com índice de 13 respostas apresentando um percentual de 56,52%. Celulares roubados tiveram 4 respostas ganhando uma porcentagem de 17,40%, dinheiros que foram roubados dentro da mochila ou bolsa no ambiente escolar teve 1 resposta com 4,34%. Materiais pedagógicos como livros, apagador, *pen drive*, canetão entre outros, tiveram 4 respostas adquirindo 17,40%. E, por fim, os materiais esportivos com 1 resposta com 4,34%. Diante dos dados, percebemos que os danos financeiros são bastante agressivos, pois são formas de ameaças e avisos que pode ocorrer uma violência ainda maior.

4.3 Violências (Crime)	
Tipo	Quantidade de respostas
Ameaça com arma branca (faca, estilete)	04
Ameaça com arma de fogo (aluno fazendo gesto de revólver)	01
Total de respostas:	05

As violências caracterizadas por crime representada na Tabela 4.3, o total de respostas foram 5, sendo uma porcentagem de 2,45%, sendo que 199 não responderam com 97,55%. Destacam-se com ameaça com arma branca e utilização de faca, estilete entre outras, com 4 respostas tendo uma porcentagem de 80% e Ameaça com arma de fogo e aluno fazendo gesto de revólver teve 1 resposta representada por 20%. Percebe-se que poucos docentes responderam essa questão, de certa forma ainda ficam intimidados e com medo de expor essa realidade que se apresenta no dia a dia da escola.

4.4 Extorsão	
Tipo	Quantidade de respostas
Conselho de classe (passar aluno que não alcançou a média)	09
Dinheiro	01
Total de respostas:	10

As violências caracterizadas por extorsões representada na Tabela 4.4, o total de respostas foram 10 respostas, sendo uma porcentagem de 4,90%, sendo que 194 não responderam, com 95,10%. Também ganham espaço, sendo que são apontadas como conselho de classe forçando professores passar aluno que não alcançou a média ou que não estão aptos para acompanhar o ensino na próxima etapa com 9 respostas sendo representada por 90% e com dinheiro que obteve 1 resposta com 10% dos casos.

4.5 Medos da integridade física	
Tipo	Quantidade de respostas
Intimidação	10
Expulsão de aluno	01
Brigas de alunos na sala de aula	02
Brigas	01
Repreensão	07
Ameaça	08
Ex-interno e filho de traficante	02
Indisciplina	01
Soco no professor	01
Total de respostas:	33

Entre as violências caracterizadas por Medos da integridade física, representada na Tabela 4.5, o total de respostas foram 33 respostas, uma porcentagem de 16,17%, sendo que 171 não responderam com 83,83%. Esta intimidação com 10 respostas alcançando 30,30%; a expulsão de aluno com 1 resposta sendo 3,03%. Brigas de alunos na sala de aula, com 2 respostas representadas por 6,06%. Surto de aluno que toma medicação controlada 1 resposta com 3,03%; repreensão obteve 7 respostas representadas por 21,22%; ameaça com 8 respostas e representado por 24,24%, alunos na condição de ex-interno e filho de traficante 2 respostas com 6,06%, indisciplina 1 resposta com 3,03% e socos nos professores 1 resposta considerada por 3,03%.

4.6 Medos de sofrer represália	
Tipo	Quantidade de respostas
Brigas de alunos	08
Drogas e bebida alcoólica	02
Agressão verbal entre alunos	01
Carro Riscado e pneu furado	02
Empurrões no professor	01
Total de respostas:	14

Entre as violências caracterizadas por medos de sofrer represália, representada na Tabela 4.6. O total de respostas foram 14 respostas sendo uma porcentagem de 6,86%, sendo que 190 não responderam com 93,14%. Estão as brigas de alunos com 8 respostas sendo a porcentagem de 57,14%; para as drogas e bebida alcoólica obteve 2 respostas sendo 14,28%; as agressões verbais entre alunos 1 resposta com 7,14%, os carros riscados e pneus furados 2 respostas com 14,28% e empurrões no professor 1 resposta com 7,14%. Os professores sentem medo de envolver em represália ao se envolverem com brigas de alunos, repreendê-los com bebidas e drogas. Ainda também como uma forma de represália têm o carro riscado e pneu furado.

4.7 Violências sexuais (assédio)	
Tipo	Quantidade de respostas
Passar as mãos nas nádegas do professor	06
Bilhetes, cantadas indiretas, elogios desnecessários, insinuação, frases inadequadas, gestos sobre o corpo	16
Mensagens nas redes sociais	01
Total de respostas:	26

As Violências sexuais caracterizadas como assédios estão representadas na Tabela 4.7, o total de respostas foram 21, sendo uma porcentagem de 12,7%, sendo que 178 não responderam com 89,71%. Apresentam passar as mãos nas nádegas do professor com 6 resposta representado pela porcentagem de 23,01%, ainda bilhetes, cantadas indiretas, elogios desnecessários, insinuação, frases inadequadas, gestos sobre o corpo foram indicadas 16 respostas com 76,19% e as mensagens em redes sociais 1 resposta na porcentagem de 4,06%. Os resultados ainda demonstram que dos números de assédios sofrido no ambiente escolar do total de 26 ocorrências de assédio, 19 eram mulheres com percentual de 73,01%.

4.8 Inseguranças no Ambiente Escolar	
Tipo	Quantidade de respostas
Lado de fora	02
Todos os lugares	02
Pátio	01
Sala de aula	02
Estacionamento	01
Não sente insegurança	01
Total de respostas:	09

As violências no âmbito das Inseguranças no Ambiente Escolar representada na Tabela 4.8. Total de respostas foram 9 respostas sendo uma porcentagem de 4,41%, sendo que 195 não responderam com 95,59%. Quando ocorrido do lado de fora da escola teve 2 respostas com 22,22%, em todos os lugares teve 2 respostas com 22,22%, no pátio 1 com 11,11%, nas salas de aula 2 respostas com 22,22%, no estacionamento 1 com 11,11%, os que não sentem segurança 1 com 1

4.9 Pediram ajuda policial	
Tipo	Quantidade de respostas
Não	02
Sim	02
Total de respostas:	04

As violências que de fato tiveram a necessidade de pedir auxílio policial, o total de respostas foram 4 respostas sendo uma porcentagem de 1,96%, sendo que 200 não responderam com 98,04%. Tivemos para os fatos consumados por sim 2 respostas com 50% e para não 2 (respostas) com 50%.

A realidade no ambiente escolar sofre uma tensão e um descaso muito grande, visto que os próprios docentes perderam as esperanças de haver uma solução capaz de reverter a situação da violência nas escolas e principalmente contra os professores nas salas de aula, conforme apontamos anteriormente - resultados que enfrentamos um grande desafio, pois acreditamos que os professores estão tão desgastados com a situação na qual se encontram atualmente em relação às violências que não acreditam mais em pesquisas para ajudar com soluções cabíveis relacionadas a violência na escola. Muitos não deram importância ao assunto e não responderam os questionários conformes dados coletados nas tabelas. Ainda que a dificuldade para a realização deste trabalho seja tão aparente quanto os dados que apresentamos, acreditamos que a educação é o caminho para a mudança e transformação dessa realidade.

Para discutir os dados posteriores, trabalharemos com categorias de análise:

Idade escolar
Violências diretas e indiretas
Soluções de problema da violência aluno x professor
Tipos de violência: física, verbal, patrimonial, violência (a crime), violência sexual (assédio).
Insegurança no ambiente escolar

8. Discussão

Atualmente, o ambiente escolar vem sofrendo pelas ações e acontecimentos relacionados com a violência, tanto física como emocional, que atinge todos os profissionais que atuam na educação, a qual, além de proporcionar uma educação de baixa qualidade, implicando pontos negativos que os alunos e professores carregam por toda as suas vidas. A violência no ambiente escolar tem se ampliado na contemporaneidade de forma alarmante, assim, neste trabalho, buscamos analisar e refletir ações e atos que levam à violência nas escolas no período contemporâneo, abordando reflexões sobre a violência praticada pelos alunos contra os docentes na rede pública de ensino no estado de Mato Grosso do Sul.

A violência no ambiente escolar pode ser desencadeada e desenvolvida por motivos diversos, alguns dos quais insignificantes, mas que geram consequências graves, incentivando a violência física ou psicológica. São inúmeros os fatores que corroboram para que a violência ocorra, sendo apontado por vários autores que determinantes sociais externos exercem forte influência sobre o sistema educacional, e a escola faz parte desse contexto social.

Para Assis, Constantino & Avanci (2010), a violência é o resultado da complexa interação de fatores individuais, de relacionamentos estabelecidos, comunitários e sociais. É necessário ter sempre em mente as interseções e conexões existentes entre os diferentes níveis. Os autores ainda se apropriam o modelo de Bronfenbrenner (1996) para o entendimento da violência como um modelo ecológico.

O modelo ecológico para Bronfenbrenner (1996) está no nível individual, relacional, comunitário e social. O primeiro nível (individual) leva em consideração os fatores históricos, sociais, biológicos e pessoais que a pessoa traz em seu comportamento e que podem afetar a possibilidade de ela ser vítima ou então aquela que pratica a violência. O segundo nível (relacional) demonstra as relações que o indivíduo possui, ao passo que os relacionamentos íntimos aumentam o risco para a vitimização violenta e perpetração da violência. O terceiro nível analisa as relações no contexto da comunidade, as escolas, os locais de trabalho e a vizinhança, procurando identificar se a pessoa pode ser vítima ou praticante da violência. O quarto nível analisa os fatores sociais.

Os principais fatores que contribuem para a violência no quarto nível - fatores sociais são, para Krug et al. (2002),

normas culturais que apoiam a violência como uma forma aceitável para solução de conflitos; normas que dão prioridade ao direitos dos pais sobre o bem estar da criança;

normas que reafirmam o domínio masculino sobre mulheres e crianças; normas que validam a força abusiva da polícia sobre os cidadãos; normas que apoiam conflitos políticos; políticas de saúde, educacionais, econômicas e sociais que mantêm altos os níveis de desigualdades econômica e social entre os grupos.

Procurando também investigar sobre os determinantes sociais que provocam a violência, Costa (2011) entende que a violência escolar constitui um fenômeno multifatorial, constituída de fatores endógenos e exógenos. Os fatores exógenos, na explicação da violência, estão nos processos macrossociais e sua interferência no contexto escolar. A autora diz que os estudos apontam que determinantes sociais externos exercem grande influência sobre os fenômenos educativos.

Ainda de acordo com Costa (2011), a violência escolar deve ser analisada a partir de fatores socioeconômicos, como: as desigualdades sociais; a má distribuição de renda, a origem familiar; o desemprego; as características do ambiente que a escola se insere.

Partindo desse pressuposto, esta pesquisa procurou analisar e refletir ações e atos que levam às violências nas escolas no período contemporâneo, abordando reflexões sobre a violência praticada pelos alunos contra dos docentes na rede pública de ensino de Mato Grosso do Sul. O estudo investigou 204 professores de escolas públicas em 9 cidades de Mato Grosso do Sul.

A pesquisa mostrou que esses fatores sociais contribuem para o engendramento da violência, como levantados por Krug et al. (2002); Constantino & Avanci (2010); Costa (2011). Ficaram bem explícitas, nas falas dos professores sobre as soluções dos problemas da violência aluno x professor, com 40,27% das respostas dos docentes, sobre essa solução, que seriam as famílias como o centro do problema, falta de presença na vida dos filhos, conscientização; estrutura familiar ações constante com os pais, família parceira da escola, responsabilidade familiar, núcleo familiar, educação familiar, orientação com os filhos, resgate de valores familiares, imposição de limites pela família, falta de pais para educar, trabalho conjunto como os pais e conselho tutelar.

Percebemos a carência que a escola tem da participação da família na escola, visto que são elaborados diferentes projetos de participação das famílias no processo acadêmico de seus filhos; por sua vez, 24,30% consideraram que os governos poderiam dar suporte, abrigar a família, segurança, qualidade, medida judicial, presença de guarda, detector de metal, punições mais duras, responsabilidade judicialmente para os pais, polícias, conjunto de órgãos protetores, ajuda das autoridades, normas cabíveis, leis severas para os alunos, pagamento de indenização, apoio do poder público e judiciário, policiamento e rondas escolares, verbas para educação.

Ao observarmos os fatores sociais para engendramento da violência, percebemos que há uma relação direta para o desencadeamento na instituição escolar. A escola sofre com esses mecanismos, que levam alunos e professores a um embate diário. A escola, como um organismo dentro de uma sociedade, relaciona-se com as famílias, que por sua vez procuram inserir seus filhos no seio escolar. Família e governo partem de um campo externo com responsabilidades idênticas, que é oferecer suporte para a escola, na educação das crianças. As escolas, portanto, juntamente com as famílias, fazem esse papel, e quando há falhas de ambas as partes, se sobressai a violência.

Diante desses estratos sociais, percebemos que as sociedades sofrem transformações socioculturais, sendo reforçados valores individualistas, debilitando o desenvolvimento da personalidade e refletindo na sociabilidade. Essa contemporaneidade e seus reflexos fazem emergir dilemas sociais, principalmente a violência.

Além de a pesquisa mostrar que a solução do problema da violência aluno x professor seria a família e o governo como suporte para essa solução, a pesquisa também mostra outros fatores predominantes no engendramento da violência escolar.

A violência tem criado formas e atinge os professores e todos envolvidos no processo educacional, causando uma série de complicações físicas e psicológicas para aqueles que sofrem com esse mal. As formas como ocorre e a insegurança que desperta nos docentes serão descritas a seguir.

8.1 Idades escolares

O Brasil lidera o ranking de agressões contra docentes, de acordo com a pesquisa realizada pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), com 100 mil professores sobre violência em escolas. Em outra pesquisa feita pelo Sindicato dos professores de São Paulo, os dados apontam que mais da metade dos docentes da rede estadual de ensino já sofreu algum tipo de agressão.

Procuramos pesquisar sobre a violência escolar, a qual é praticada por alunos contra docentes da rede pública no estado de Mato Grosso do Sul. No processo de pesquisa investigamos, através do questionário, qual a idade escolar está na prevalência da violência.

De acordo com a Tabela 1, apresentada no tópico 8, as pesquisas demonstram que a partir do início dos estudos, os alunos já indicam atos de violência, pois os relatos apontam que

a idade escolar na prática de violência varia de acordo com faixa etária, o total de respostas foram 153, sendo um total de 75%, no entanto, 51 não responderam, com 25%.

A pesquisa mostrou que a prevalência da violência praticada pelos alunos contra os professores foi na faixa etária de 12 a 15 anos, tendo como vítimas os docentes de escolas públicas do Mato Grosso do Sul.

Sobre vitimização e autoria de violências, Carra (2009), fazendo pesquisa em escolas francesas, entende que conforme a idade escolar avança, os alunos passam a ter maior consciência do que é violência. Em outro estudo realizado por Sanhéz & Ortega (2010) sobre violência simbólica e indireta, compreende-se que alunos maiores tendem a vitimar menores. Pesquisando sobre faixa etária em Lisboa Sebastião (2009), concluiu-se que a maior incidência na prática da violência concentra-se na idade de 14 anos.

Para Abramovay (2006), os estudantes do ensino fundamental, com faixa etária de 10 a 12 anos, e estudantes de 13 a 15 anos, praticam violências. Na presente pesquisa, percebemos que a idade escolar na prática da violência foi de 52% para a faixa etária de 12 a 15 anos, confirmando o que diz Abramovay (2006), que alunos de 13 a 15 anos estão mais propensos para a violência, e Sebastião (2009), que se concentra na idade de 14 anos.

Nos estudos de Giordani, Seffner & Dell'Aglio (2017), que teve como objetivo investigar a percepção de estudantes e de professores acerca da violência no espaço escolar, a amostra foi de 16 professores de uma escola pública de Porto Alegre, ministrantes de diferentes disciplinas de educação básica, sendo 13 mulheres e 3 homens. Participaram também 60 estudantes dessa mesma escola: 29 estavam cursando o 6º ano do Ensino Fundamental, sendo 10 meninas e 19 meninos, com idades entre 12 e 15 anos; e 31 alunos estavam cursando o 1º ano do Ensino Médio, com idades entre 15 e 18 anos.

Foram convidados a participar todos os professores e todos os alunos matriculados na escola nas séries correspondentes. O instrumento técnico de grupo focal tinha objetivo de apreender ideias e concepções dos participantes. Os professores falaram sobre a violência sofrida de forma direta, pelos alunos ou direção, e de forma indireta, quando são afetados pelas agressões entre os adolescentes. Os relatos de violência verbal contra professores foram mais frequentes e indicam ocorrência de conflitos próprios da sala de aula. Outras pesquisas realizadas com estudantes e professores também encontraram relatos de violência verbal recorrente contra os docentes em sala de aula (Melo & Cols, 2011). Em outro estudo que analisou a violência contra os docentes, 76,5% dos professores participantes relatou sofrer insulto verbal por alunos, sendo que 20,6% responderam que essa agressão é diária (Levandoski, Ogg & Motriz, 2011).

O estudo de Giordani, Seffnre & Dell’Aglío (2017), embora não trace o quantitativo, sobre a idade escolar, que praticam a violência contra os professores, os autores trabalham com as idades específicas que presente pesquisa procurou investigar, ficando caracterizado que a faixa etária 12 a 15 anos é a mais suscetível para a violência. Nas falas dos docentes, nas pesquisas dos autores, fica caracterizado que eles sofrem violências nessas faixas etárias. “E eu disse assim: Chega! Chega!” “Eu não aguento mais”. “Puxei as minhas coisas e saí da sala. Não deu mais” (P), “O problema é que descambou para uma coisa um pouco mais agressiva, né”. “Houve, infelizmente, uma agressão por parte da aluna” (P).

A idade escolar compreende o período que crianças e adolescentes frequentam o ambiente escolar, e é nesse período, que parte da infância e vai até adolescência, que os professores convivem todos os dias. A representação da infância vai de um período cronológico preparatório para a vida adulta. No perpasso da caminhada os adolescentes vão se descobrindo e, nessa descoberta, também surge o questionamento de regras preestabelecidas pela escola. É o período de questionar as autoridades, os adolescentes possuem diretamente todos os dias como autoridade absoluta, os professores. Esses que lidam diariamente em sala de aula, com grosserias e agressões.

O período que os autores destacam nas pesquisas demonstram que a idade escolar preocupante para a prática da violência está na adolescência, de 10 a 15 anos, variando de pesquisas que mostram de 13 a 15 e 12 a 15 anos. É justamente nessa fase que as pesquisas mostram como relacionadas à violência escolar, que há alterações em diversos níveis na vida do adolescente – físico, mental e social. Além disso, sofrem mudanças hormonais e a identificação com o grupo que o adolescente procura chamar a atenção. A forma mais fácil para eles está no questionamento das autoridades. E é em sala de aula que percebemos que, diante das referidas mudanças hormonais, psicológicas, e maturação cognitiva, esses adolescentes querem se impor diante da autoridade do professor. Ao descumprirem as regras e chamarem a atenção do grupo, ganham crédito e status.

Percebemos que, nesta pesquisa, a idade escolar de 12 a 15 é a que os professores relataram terem sofrido violência, o que se enquadra no que dizem as pesquisas citadas anteriormente. O índice de violência classificada por idade se apresenta desde cedo, quando as crianças iniciam seus estudos e se deparam com o ambiente escolar, com a socialização com os colegas e professores, a maior taxa está na idade entre 12 e 15 anos, período pelo qual as crianças estão passando pela adolescência e a realidade escolar.

Isso pode assustar e causar estranhamento e algumas crianças não se sentem preparadas para respeitar as regras ou mesmo obedecer pessoas que não são da família, criando uma certa

forma de resistência e dificuldade para se relacionar, o que torna mais difícil o processo do ensino.

8.2 Violências diretas e indiretas

Palhares & Schwartz (2015), em seu livro “A violência”, no Capítulo 1, procuram desvendar sobre o tema violência e paz, e para isso recorrem a Johan Galtung, sociólogo norueguês, por ser reconhecido mundialmente por sua produção acadêmica sobre violência e paz, bem como pela criação do campo denominado “Peace Studies” (“estudos para a paz”).

Joahan Galtung (1969) afirma que a violência direta é facilmente identificável, além de ser muito semelhante ao conceito de agressão física. Sobre Violência indireta, um estudo realizado por Lourenço & Cols (2009) com 3.891 alunos em escolas portuguesas, demonstraram que 36,4% dos participantes já haviam sofrido agressão física duas ou mais vezes na escola. E no IBGE, realizado em 2013, indica-se que 10,6% dos alunos de escolas públicas já sofreram violência física dentro da escola.

No presente estudo, a violência indireta de âmbito emocional foi caracterizada por 22,01% como um quadro alarmante e preocupante. Foram apontadas doenças emocionais, sendo causadoras de danos físicos e psicológicos nos docentes, como estresse, sobrecarga de trabalho, com jornadas longas de aulas, transtornos mentais, depressão, professores que necessitaram de acompanhamento médico, pânico, ansiedade, fobia social, violência psicológica entre outros.

Outra forma de violência indireta é a violência física. Nesta pesquisa, totalizaram 14,67%, considerando o professor presenciar ameaças contra o colega de profissão, agressões físicas contra professores, brigas de alunos na sala de aula, brigas de alunos no pátio da escola, violência entre alunos, brigas de um pai com outro pai na escola, briga de mãe com outra mãe na escola, chutes de alunos nas mesas dos colegas e diretamente contra seus colegas. Diante desses relatos, destacamos que o maior índice de violência são as indiretas, e suas ocorrências estão no cotidiano da escola, iniciando-se nas relações estabelecidas dentro da sala de aula para os pátios da escola, podendo se estender para ambientes externos à escola.

As violências diretas estão caracterizadas por violência de alunos contra professores, segundo Lobo, (2012), Batista & de Oliveira, (2012); Soares & Machado, (2013); Núñez, (2015); Matos, Viana & Gurgel, (2012); Soares & Machado, (2014); Silva & Bernatt, (2014); Pereira (2016); Araújo (2016).

Levandoski, Ogg & Cardoso (2011) pesquisaram sobre violência contra professores de Educação Física no estado do Paraná, verificando a violência na relação professor-aluno sofrida por professores de educação. A amostragem foi de 102 professores que atuam no ensino fundamental e médio da rede pública. Constatou-se que 87,3% dos professores vivenciaram ou vivencia de forma direta ou indireta atos de violência no ambiente escolar.

Segundo os professores pesquisados, quando questionados se "já vivenciou ou vive algum episódio referente à atos de violência no ambiente escolar", mesmo tratando-se de ações indiretas, 76,5% informaram que a frequência de receber insultos verbais é de 28,4%, 12,7%, 4,9%, 5,9% e 20,6%, as quais acontecem em 1, 2, 3, 4 e 5 dias semanais, respectivamente.

Na presente pesquisa, a violência direta foi de 13,76%, as violências físicas de características verbais na forma direta tiveram 22,93%; violências físicas consideradas como crimes 10,09%; violências físicas indiretas 7,54%; violência patrimonial direta 3,51%; violência emocional direta e indireta 26,59%. A frequência que, de forma direta ou indireta, os professores vivenciaram ou vivenciam atos de violência foi de 84,42%, confirmando a pesquisa realizada por Levandoski, Ogg & Cardoso (2011), indicando um percentual bem elevado de profissionais de educação que convivem com situações de violência.

As violências direta e indireta relacionadas nas pesquisas citadas acima demonstram a intenção do praticante, que parte de um acontecimento, e de forma efetiva têm sido geridas no contexto escolar. É preocupante o quadro em um país que ainda precisa aprender a lidar com a violência. Quando tratamos de violências direta e indiretas, constatamos que, além de prejudicarem o físico dos professores, as maiores marcas são os danos psicológicos, que afastam e adoecem os professores.

A educação brasileira encontra-se cercada por problemas externos, como fome e pobreza, que além de ter que lidar com isso precisa também lidar com problemas internos, como a violência escolar. Os índices ainda continuam altos e de forma direta ou indiretamente afetam os professores.

8.3 Tipos de violências

8.3.1 Violência física

Melanda et al. (2018) fizeram um estudo sobre violência física contra professores no espaço escolar: análise por modelos de equações estruturais, com o objetivo de identificar associações de fatores sócio demográficos, do trabalho e do ambiente escolar com a ocorrência de violência física no espaço escolar contra professores. A amostra foi de um estudo transversal com professores que atuavam no ensino fundamental e médio da rede estadual de Londrina, Paraná. Foram selecionadas 20 escolas com o maior número de professores do município. Violência física foi definida como relatos de tentativas ou agressões físicas, com o uso de armas brancas ou de fogo, nos 12 meses anteriores à pesquisa. Modelos de equações estruturais foram utilizados para a análise dos dados. Dos 937 docentes elegíveis para a pesquisa, 789 (84,2%) foram entrevistados.

Os dados mostram na pesquisa realizada por Melanda et al. que 76,3% informaram ter sido testemunha de algum episódio de violência física, e 21,4% relataram ter sofrido ameaças. Dos professores 7,9% reportaram tentativas ou agressões físicas 0,8% com o uso de armas brancas e quatro (0,5%) com armas de fogo. A frequência de depoimentos de vitimização por violência física na escola, obtida pelo relato de alguma das formas de violências investigadas, foi de 8,4%, pois alguns professores sofreram mais de um tipo de violência física.

Em outra pesquisa realizada por Mendes (2014), ao analisar o contexto de violência contra os professores no Rio Grande do Sul, teve como modelo para pesquisa 10 escolas públicas e privadas, em 10 municípios, conversando com uma média de 108 docentes, através de questionários pode obter um resultado importante sobre o assunto. O resultado obtido foi muito preocupante, 38,88% professores foram vítimas de ameaças e 15,12% tiveram agressão físicas consumadas.

Dentre o processo de investigação que realizamos para compreender a incidência da violência dos alunos contra os professores, investigamos os tipos de violências que sofrem, dentre elas a física. A pesquisa mostrou que 13,76% dos professores sofreram violência física, 10,09% dos professores foram ameaçados com uso de faca, uso de tesouras e presenciaram tentativa de homicídio contra alunos, e 14,67% dos docentes presenciaram um colega sendo agredidas por aluno, brigas de alunos na sala de aula, chutes na mesa dos colegas de profissão. O total de violência física dentro do espaço escolar foi de 39,33%, tendo o professor como vítima, sofrendo a violência física ou presenciando um colega ou aluno sofrer. Diante desses

relatos destacamos que o maior índice de violência são as indiretas, e suas ocorrências estão no cotidiano da escola e iniciam nas relações estabelecidas dentro da sala de aula para os pátios da escola, podendo se estender para ambientes externos a escola.

Embora os dados se aproximem das pesquisas de Melanda et al. (2018) e Mendes (2014), os resultados demonstram que a incidência da violência física ocorre dentro do espaço escolar nas escolas públicas do Mato Grosso do Sul, chamando a atenção que 10,09%, sendo considerado um índice alarmante, os professores foram ameaçados com uso de faca, uso de tesouras e presenciaram tentativa de homicídio contra alunos.

A violência física pode tomar direções que vão desde socos, chutes, tapas e pontapés. É comum as agressões intimidar a vítima. A vítima além de sofrer violência física, sofre também como a violência psicológica. Percebemos que a vítima neste estudo e nas pesquisas relatadas, é o professor. O professor não está preparado para lidar com isso, e fica à mercê de alunos violentos que cada vez mais coagem os docentes. Compreendemos o medo e a insegurança que se encontram seja dentro de uma sala de aula ou no espaço físico escolar. Não há limites para o agressor (aluno) agir. Quando são confrontados pelo professor eles partem para a agressão física, ou outrora com ameaças e até mesmo com facas, ou revólveres.

Isso é grave, porque além de lidar com baixos salários, precisam conviver com alunos violentos, dentro do espaço escolar. A violência desmotiva e interfere na qualidade do ensino, além causar ferimentos nos docentes.

8.3.2 Violência verbal

Dados divulgados pelo Sindicato de Professores da rede estadual de ensino do estado de São Paulo apontam que metade dos docentes afirma ter sofrido violência verbal, com uma porcentagem de 44% dos docentes.

A violência verbal está presente no cotidiano dos professores, que precisam além de ensinar, conviver com esse mal. Diante dessa questão que alguns autores procuram pesquisar sobre a violência contra os professores, dentre elas verbal, que podem se desencadear para física e psicológica, Mattos, Viana & Gurgel (2012). A violência verbal vem também acompanhada da violência psicológica que prejudica os docentes e contamina todo ambiente escolar. Nas palavras dos autores Moreira, Santino & Tomaz (2017); Schreiber & Antunes (2010); Bonanmingo et al. (2011).

Bonamigo et al. (2011) realizaram um levantamento mais detalhado sobre as práticas violentas no ambiente escolar, para isso foram a campo em 13 escolas de Chapecó no estado de Santa Catarina. Suas análises e reflexões foram baseadas em questionários aplicados a 693 alunos do ensino fundamental e médio, 123 famílias e 147 professores. O resultado impressionante que muito contribui para análise, visto que detectou a presença de agressões verbais, ameaças, agressões físicas, assédio sexual, furtos, tráfico de drogas, além de danificação ao patrimônio escolar. Destes podem-se detalhar em suas pesquisas que 88% dos estudantes, 83% dos professores e 78% das famílias sofrem por agressões verbais.

Em outro estudo realizado por Levandoski, Ogg & Cardoso (2011), com o objetivo de verificar a violência na relação professor-aluno, sofrida por professores de educação física que atuam no ensino fundamental e médio na rede pública de ensino. Participaram deste estudo 102 professores que atuavam em 14 cidades do estado do Paraná. Os dados mostraram 73,5% recebem insultos verbais frequentemente.

Diante as pesquisas aqui apontadas podem as violências praticadas pelos alunos contra os professores de forma direta e indireta (física, verbal, emocional, patrimonial, sexual). Obtiveram um total de 109, sendo 53,43% respostas e 95 ou 46,57% optaram por não responderem. Muitos professores que foram convidados a fazerem parte desta pesquisa não mostraram interesse em contribuir com a pesquisa e fingiram não entender e optaram por não contribuir com as informações para levantamentos de dados. Isso demonstra receio da violência, por medo de represálias, ou pode demonstrar estarem fartos de pesquisas.

Trataremos da violência verbal. As violências de características verbais totalizaram 22,93%, considerando ações de violência verbal contra professores, ameaça ao professor, enfretamento com estudantes e pais, violência simbólica, desrespeitos dos pais, indisciplina, turmas indisciplinadas, desobediência, descaso e gritos de alunos, desacato aos professores e funcionários da escola, palavrões. E 7,54%, presenciando um colega ser agredido verbalmente por um aluno. Observa-se que as violências de características verbais tiveram um índice alto devido a facilidade que as crianças apresentam para utilizar palavras como formas de agressão muitas vezes não podem ser contidas sua forma de expressar sentimentos de raiva e fúria contra um professor ou colega de sala.

As agressões verbais foram classificadas de acordo com o tipo: agressão verbal, 2,79%; a agressão verbal com palavrões de baixo calão, xingamentos pejorativos como, por exemplo, bruxa, cachorro entre outros, tiveram o maior índice de 46,57%; agressão verbal repreensão, indisciplina, uso de celular teve 12,32%; Agressão verbal com apelido, 1,36%; Agressão verbal com insultos foi de 21,91% e pôr fim a Agressão verbal com afrontamento teve 6,84%. Assim,

percebe-se que as violências verbais são frequentes e seus índices de ocorrência vêm se destacando no ambiente escolar.

Percebemos que os professores sofrem que a violência verbal, e que ainda predomina os xingamentos pejorativos e palavrões de baixo calão, com percentual de 46,57%. Isso vai de encontro com as pesquisas demonstradas por Levandoski, Ogg & Cardoso (2011), com um índice alto de 73,5% dos docentes sofrendo violência verbal. Neste trabalho, procuramos descrever quais os tipos violências verbais, com índices alarmantes.

Percebemos que a violência verbal causa stress, e no questionário em questão tivemos os tipos de violências desenvolvidos sobre essa temática, ação e a descrição dada pelos entrevistados, demonstram que os tipos de violência, tais como: a emocional, física, verbal, sexual e patrimonial, obtém-se um resultado maior nas violências verbais. Isso demonstra que, como diz Abramovay (2005a), o desrespeito e o questionamento da autoridade do professor através de agressões verbais trazem tensão e desconsideração do docente.

A violência verbal é caracterizada pelos autores como a violência mais frequente dentro da escola. Os professores lidam com alunos mal-educados que desferem palavras e injúrias que podem afetar o psicológico, ao ponto de se tornar um transtorno psicológico, como stress, depressão ou ansiedade. Os estudos demonstram que é recorrente esse tipo de violência contra os professores, não sendo diferente nessa pesquisa. Como classe os professores precisam aprender lidar com isso, porque diante de tantos problemas sociais que a escola está inserida, a violência escolar, e a violência verbal, é algo predominante na escola.

Ao iniciarem seus estudos se torna relevante dentro da grade curricular os docentes possuírem matérias ou disciplinas relacionadas a violência escolar, e os tipos de violências que podem sofrer na carreira. A violência verbal ainda possui índices altos e elevados, mas se tivermos uma preparação adequada na grade curricular, e formação de professores, poderemos melhorar esses índices, trazendo harmonia escolar.

8.3.3 Violência patrimonial

Tavares & Pietron (2016), pesquisando sobre a violência nas escolas públicas de São Paulo entre janeiro de 2007 e maio de 2009, revelaram que 46,8% das escolas estaduais de São Paulo reportaram pelo menos um caso de violência. Dentre a pesquisa dos tipos de violências, pesquisaram também sobre a violência patrimonial. Neste período, foram registradas 14.107 ocorrências de atos contra o patrimônio e 13.233 ocorrências contra a pessoa. Dentre os atos contra o patrimônio, a depredação de mobiliários ou da estrutura física da escola (lâmpadas, vidros etc.), a ocorrência foi de (30,5%), seguida das invasões ou arrombamentos (23,2%) e pichações de paredes ou muros dentro ou fora da escola (18,1%). A subtração de equipamentos, materiais e outros objetos da escola correspondem a 12,6%.

Rocha et al. (2012) procuraram investigar a violência em duas escolas do Rio Grande do Norte, com 121 profissionais, sendo professores, funcionários e diretores, num estudo descritivo. Dentre os resultados, a violência patrimonial, caracterizada como roubo, furto e depredação do patrimônio foram de 17,7%. Corroborando percebe-se que os docentes tiveram os celulares roubados, com uma porcentagem de 17,40%, dinheiros que foram roubados dentro da mochila ou bolsa 4,34%, materiais pedagógicos como livros, apagador, *pen drive*, canetão entre outros, foram de 17,40% e, por fim, os materiais esportivo com 4.34%. Diante dos dados, percebemos que os danos financeiros são bastante agressivos, pois são formas de ameaças e avisos que pode ocorrer uma violência ainda maior.

A violência patrimonial está baseada em furtos de objetos ou depredação do patrimônio, seja a escola ou carro de funcionários, professores ou docentes. As ocorrências vão de encontro aos estudos relatados anteriormente, que mostram que tanto o patrimônio quanto à pessoa (funcionários, professores ou diretores) não são isentos de sofrerem com esse mal. Percebemos o aumento de vândalos que destroem, pichando ou até mesmo depredando o patrimônio escolar. A escola, que deveria ser o bem mais valorizado pela comunidade, é o bem que se torna alvo fácil desses vândalos. E diante dessa situação, o todo o corpo docente sofre, visto que dentro da escola esses vândalos se infiltram como alunos, e furtam objetos de professores, e funcionários.

Quando se menos imagina o celular de um professor é furtado em sala de aula, ou outros objetos pessoais. Esta pesquisa demonstrou que os docentes do Mato Grosso do Sul não estão isentos. Ora se furtam objetos pessoais, ora o carro de um professor é riscado ou pneu furado. Por não concordarem com as regras ou falta de orientação da escola, os alunos procuram dessa forma intimidar os professores. Até que ponto ainda os professores terão que lidar com essa

problemática. Somente pesquisas e estudos e educação poderá mudar esse quadro relacionado a violência patrimonial.

8.3.4 Violência (crime)

Ao partirmos para o estudo de armas de fogo, com pesquisas realizadas por Abramovay e Avancini (2003), a resposta dos professores variam de 2% a 8%. Sobre a presença de arma de fogo no ambiente escolar, as respostas dos professores aumentam para 8 a 19%. Em uma pesquisa com docentes de educação física do Paraná, os autores Levandoski, Ogg & Cardoso perceberam que 7,8% dos docentes foram intimados com armas de fogo.

Tavares & Pietron (2016), pesquisando sobre os fatores associados a violência escolar no estado de São Paulo, através dos dados provenientes dos Censos Escolares, dos questionários socioeconômicos do SARESP de 2007 a 2009 e do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social de 2010, calculado pela Fundação SEADE, concluíram que o porte, o consumo e o tráfico de drogas ilícitas respondem por 5,2% destas ocorrências. O porte de armas brancas ou armas de fogo, os tiroteios e os roubos correspondem a 2,0% destes atos. Os dados apresentados por Levandoski, Ogg & Cardoso, (2011), Abramovay & Avanci, (2003) e Tavares & Pietron (2016), comprovam que o uso de arma de fogo, ou arma branca ainda nas escolas é um grande problema.

A seguir, trazemos alguns índices relacionados ao crime contra a pessoa, por dados calculados pela SARESP 2007 a 2009 do SARESP de 2007 a 2009 e do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social de 2010, calculado pela Fundação SEADE. Os autores concluem nessa pesquisa relacionada aos crimes contra a pessoas que índices relacionados a infraestrutura da escola demonstraram estatisticamente significantes, sobretudo as ameaças e agressões, bem como o consumo e tráfico de drogas.

Tavares & Pietron (2016) concluem que:

Por fim, a associação estatisticamente significativa destes dois indicadores de insumos físicos com a ocorrência de invasões, furtos e roubos mostra, por um lado, que a presença de espaços coletivos inibe este tipo de crime. Este efeito pode ser explicado pelo fato de que frequentemente estes espaços são utilizados para eventos comunitários do bairro, o que deve aproximar a comunidade da escola e, portanto, deixá-la menos suscetível a este tipo de ocorrência. Por outro lado, nota-se que a maior disponibilidade de equipamentos e bens materiais aumenta as chances de a escola sofrer com crimes de furto ou roubo.

Tavares & Pietron (2016), ao descreverem os descritores de índices de violências caracterizadas na tabela de crime contra a pessoa humana, percebem que a infraestrutura básica

e espaços pedagógicos, o monitoramento de crime contra pessoa humana são menores. Quanto mais espaços, com menor monitoramento (laboratórios, biblioteca, pátio escolar e quadra de esportes), o índice é maior. Esses espaços são espaços com aglomeração de alunos, espaços abertos como pátio escolar e quadra de esportes, o ambiente se torna propenso para desencadeamento de crime contra a pessoa. Já no laboratório o professor, este mais exposto a sofrer crime, por ser um lugar fechado.

Ainda diante de situação complicada relacionada ao crime contra pessoa, os autores propõem que a escola e esses espaços abertos deveriam ser cedidos a comunidade para eventos, e que o fato de a escola se aproximar da comunidade, deixar menos suscetível a este tipo de ocorrência.

A discussão de Tavares & Pietron (2016) vai ao encontro do que Abramovay e Pinheiros (2003), que aponta diz que o problema da violência escolar não está relacionado a pobreza, mas a negação dos recursos essenciais, como cultura, esporte e lazer, é desencadeadora da violência.

Embora as pesquisas realizadas por Tavares e Peitron (2016), e Levandoski, Ogg & Cardoso (2011) demonstram que a incidência de uso de arma de fogo, ou arma é um grande problema e com índices mais elevados que a presente pesquisa, os resultados demonstram que a violência (crime) ocorram nas escolas públicas do Mato Grosso do Sul, embora em menor índice. Nesta pesquisa caracterizada por crime representada, foram 5 respostas sendo uma porcentagem de 2,45%, sendo que 199 não responderam representando 97.55%. Destacam-se com Ameaça com arma branca e utilização de faca o estilete, entre outras, com 4 respostas, tendo uma porcentagem de 0,8% e Ameaça com arma de fogo e aluno fazendo gesto de revólver teve 1 resposta representada por 0,2%.

Percebemos que poucos docentes quiseram responder essa questão, de certa forma ainda ficam intimidados e com medo de expor essa realidade que se apresenta no dia a dia.

O crime contra a pessoa humana nas escolas públicas de Mato Grosso do Sul é uma realidade máscara e camuflada, que intimida os professores e expõe medo e insegurança no ambiente escolar. A violência crime nas escolas públicas do Mato Grosso do Sul é uma realidade. Foi demonstrado pela mídia que um aluno ameaçou de morte o diretor uma escola em Campo Grande, e ainda relatou a morte de alunos dentro do pátio escolar. Fora esse problema, constantemente os professores ainda se deparam com suicídios de alunos e funcionários da escola. É um problema agravante que se demonstra na pesquisa, e o medo dos professores se expor através da coleta de dados pelo questionário.

8.3.5 Violência sexual (assédio)

Percebemos que a mulher tenta se inserir no ambiente de trabalho. Ao conquistar seu espaço, ainda sofre com discriminação e preconceito. Atualmente, diversos trabalhos têm sido publicados para discutir essa relação entre homem e mulher e suas habilidades no ambiente de trabalho. Além de sofrerem com uma cultura machista, com menores remunerações a mulher sofre também com o assédio sexual.

Segundo Souza, Borges & Cherpinski (2015), no âmbito do trabalho docente, independentemente de serem instituições públicas ou privadas, questões de gênero são vivenciadas por mulheres docentes, envolvendo assédio sexual.

O assédio sexual demonstra que as mulheres ainda não são bem-vindas ao mercado de trabalho, por uma cultura machista exclusivista de homens que outrora possuíam maior destaque. A assimilação faz com que ocorra no ambiente de trabalho uma configuração hostil, com ofensas e humilhações, refletindo uma desigualdade atrelada por um sistema manipulado por ideias machistas, que denota uma dificuldade dos homens aceitarem as mulheres como iguais. Segundo Higa (2016), o assédio sexual também pode ser epistemologicamente compreendido como forma de discriminação sexual, conforme expressamente reconhecido pela Diretiva 2002/73/CE do Parlamento Europeu. O autor conclui que tanto homens quanto mulheres podem ser vítimas de assédio sexual, como foi descrito no decreto real belga.

Percebemos que tanto homens quanto mulheres não estão livres do assédio sexual. Ambos estão propensos a passarem por esse constrangimento. Mas a realidade mostra que o gênero feminino está mais vulnerável. Kay & West (2002) denunciam o seguinte no que tange à incidência em relação ao gênero: a) homens assediando mulheres – 90%; b) homens assediando homens – 9%; c) mulheres assediando homens – 1%.

O questionamento que se fez era se o assédio sexual ocorre no contexto escolar, e se as mulheres sofrem mais com o assédio. Fazendo um levantamento dos descritores assédio sexual contra professores, não aparece nenhum artigo no portal SciELO, mas buscando assédio sexual aparece 48 artigos, mas somente 1 artigo voltado para a educação, com o tema “fatores associados a convivência em adolescentes.” Fazendo buscas nas revistas, encontramos alguns artigos direcionados para o assédio do professor contra o aluno, como o artigo, assédio no contexto educacional: uma possibilidade de manifestação perversa, e assédio sexual: uma análise do conceito do público feminino.

Dentre esses artigos, o público-alvo do assédio é gênero feminino. No primeiro artigo intitulado como fatores associados a convivência em adolescentes escrito pelos autores Melo

et.al., (2013) 7,2% dos alunos declararam ser vítimas de assédio sexual identificam que o local onde o agressor está é diverso; com maior frequência no curso, com 2,9% e em 2,3% o agressor é alguém fora da escola. O local onde os fatos são apresentados é a sala de aula (3,3%), seguida frequentemente fora da escola (1,3%) e nos banheiros (1,2%). O sexo do agressor é semelhante em proporções tanto em homens (2,5%) quanto em mulheres (2,8%).

No outro artigo com o título de assédio sexual: uma análise do conceito entre o público universitário feminino, escrito pelos autores Dias, Garcia & Caramaschi (2019), com a amostra de 74 alunas com idades entre 17 e 48 anos. Inicialmente, utilizou-se estatística descritiva para cálculo das médias e desvio padrão para cada questão. Posteriormente, foi utilizado o Índice de Correlação de Pearson para análise de correlação entre as respostas acerca da percepção de assédio e idade das participantes. Em todos os testes, foi adotado um nível de confiabilidade de 95% ($p < 0,05$).

Após a análise dos dados, obtiveram-se as médias das notas, os desvios padrões e os índices de correlação para cada questão. De acordo com os resultados obtidos nesta análise das 30 afirmações presentes no questionário, constatou-se que 20 delas foram consideradas como assédio sexual, com nota superior a 4,0, levando-se em consideração que a pontuação 4,0 tinha o significado de “provavelmente é assédio sexual” e a pontuação 5,0 tinha o significado de “definitivamente é assédio sexual”.

O estudo não traz a porcentagem total das alunas que sofreram assédio e nem qual foi a idade prevalente. Mas das 30 questões levantadas pelos autores do artigo, 20 respostas foram consideradas como assédio sexual, isso demonstraria 90% das alunas sofreram assédio sexual. O assédio no contexto escolar ocorre quando por brincadeiras maliciosas ou de forma intencional aonde os alunos desrespeitam o professor.

O assédio sexual é comum como uma forma de violência, que para Abramovay & Rua (2002), não isenta alunos e nem professores. Os resultados da presente pesquisa demonstraram que 76,19% dos professores sofreram esse assédio, com bilhetes, cantadas indiretas, elogios desnecessários, gestos sobre o corpo. Com relação passar as mãos nas nádegas, 23,01% foi constrangido com essas atitudes desnecessárias., sendo que 73,01% eram mulheres.

Os dados desta pesquisa reforçam a teoria de que as mulheres sofrem maior proporção de assédio sexual do que homens. Demonstramos que 73,01% dos professores sofreram assédio por serem mulheres, refutando a pesquisa de Higa (2016 apud Kay & West, 2002) que denuncia que 90% dos homens assediam as mulheres e corroborando com os dados da pesquisa organizada pelos autores Melo, Castillo, Fernanda, Godoy e Roa (2013), onde 7,2% dos alunos

sofreram assédio sexual com 2,8% sendo mulheres e de Dias, Garcia & Caramaschi, (2019), com 90% de assédio em alunas universitárias.

Ao procurar solução do problema, os professores procuram seus superiores (Coordenação, Direção), e na grande maioria das vezes saem com o problema sem solução. Na maioria das vezes, o agressor fica sem punição, pelo fato de que a lei protege o aluno, fazendo que os professores nem denuncie. Percebe-se que quando a violência sexual parte do professor, os mecanismos de punição são rápidos, agilizáveis.

Por força da Lei n. 10.224, de 15/5/2001, o Código Penal descreve o assédio sexual no “Art. 216-A. Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função. Pena – detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos. Quando o agente do ato considerado ilícito é professor, por ser agente de condição hierárquica sofre as punições cabíveis. Mas não há punição para o aluno que constrange, humilha e assedia de forma vexatória o professor, trazendo prejuízos psicológicos.

O assédio sexual ainda ocorre porque vivemos em uma cultura machista. Percebemos que o assédio sexual se restringe a uma condição de poder. A cultura do estupro que se encontra como idealizado no Brasil, e a naturalização do corpo feminino, como objeto de desejo e possessão pelos homens, permitem que muitos não respeitem a mulher. O endeusamento do corpo e a sua exposição permite que os homens queiram de forma errônea querer possuir. Com o advento da tecnologia, o corpo é afetado pela linguagem. As expressões corporais, e a sua exposição nas redes sócias, através da cultura machista eleva ao assédio sexual, fazendo que homens não compreendam a negativa da mulher.

No ambiente de trabalho, a exposição dos trabalhadores/as se tornem humilhantes e constrangedoras. Isso não é diferente o ocorrido na escola. A escola como ambiente de trabalho é propícia para o assédio sexual. Tal fato as pesquisas demonstram que as mulheres mais sofrem assédio sexual em ambiente de trabalho. Por que sofrem? Porque essa cultura machista está arraigada nos alunos, e a exposição do corpo feminino (professoras), ao escrever na lousa, ou mesmo explicar a matéria em pé, faz com que os alunos (homens) se achem no direito de assediar e desrespeitar as professoras. Pensamos que, para mudar essa situação, o assédio sexual no ambiente de trabalho, se torna importante a ocorrência igualitária de direitos tanto para homens como para mulheres.

É preciso permitir que cada vez mais mulheres tenham acesso ao mercado de trabalho em condições iguais aos homens, com salários justos, e também ocupem cargos políticos.

Diante disso, provavelmente através da educação e políticas públicas a cultura machista se torne inexistente.

8.4 Inseguranças no ambiente escolar

A qualidade de ensino na vida de alunos e professores, tanto fora como dentro da escola, parte da segurança no ambiente escolar. O espaço físico escolar possui grande importância para o debate, as discussões, convívio social. É nesse ambiente que professores transitam todos os dias para lecionar.

É nesse espaço físico que ocorre a violência, seja na sala de aula, no pátio da escola, ou fora dela. Percebemos que nem fora da escola os professores sentem-se seguros. A insegurança surge quando ocorrem ameaças ou o professor encontra seu carro riscado ou pneus murchos, por exemplo. Ao pesquisarmos sobre o item insegurança no ambiente escolar, os resultados foram que 22,22% dos professores sentem-se inseguros fora da escola, 11,11% no pátio, e 11,11% no estacionamento.

Para Abramovay et al. (2012), a insegurança atinge a capacidade criativa do sujeito. A escola, ao ser percebida como espaço onde habitam a insegurança e o temor, deixa de constituir um local adequado à aprendizagem e atinge, negativamente, o processo de formação para a cidadania.

Dados do IBGE demonstram que a violência na vida do estudante de 2015 que alunos de 13 a 17 anos se envolveram com brigas com armas de fogo desses 6,8 % da rede pública, e 13,9 % não foi à escola por falta de segurança.

Pesquisa realizada pelo Ministério da educação em 2011, através da Prova Brasil, constatou que de 225 mil professores de Língua Portuguesa e Matemática que dão aula para alunos de 5º e 9º ano do Ensino Fundamental, 4.195 mil foram agredidos fisicamente por estudantes. Diante do quadro de violência percebemos que, na pesquisa em foco, 1,96% pediram a ajuda policial. Esses dados corroboram com a pesquisa realizada por Levandoski, Ogg & Cardoso (2011), que se verificou que 2% dos participantes já se sentiram ameaçados a ponto de pedir segurança policial para entrar ou sair da escola.

A realidade no ambiente escolar sofre uma tensão e um descaso muito grandes, visto que os próprios docentes perderam as esperanças de haver uma solução capaz de reverter a situação da violência nas escolas e principalmente contra os professores nas salas de aula, conforme apontamos anteriormente resultados enfrentamos um grande desafio, pois acreditamos que os professores estão tão desgastados com a situação na qual se encontram

atualmente em relação às violências que não acreditam mais em pesquisas para ajudar com soluções cabíveis relacionadas à violência na escola. Muitos não deram importância ao assunto e não responderam os questionários conformes dados coletados nas tabelas. Não obstante a dificuldade para a realização deste trabalho seja tão aparente quanto aos dados que apresentamos, temos convicção de que a educação é o caminho para a mudança e transformação dessa realidade.

A insegurança no ambiente escolar é reflexo de uma tensão que coloca os docentes diante do medo de lidarem com tamanha violência. Ao percebermos que, nesta pesquisa foram poucos os docentes que quiseram responder às perguntas, compreendemos que alguns já perderam a esperança. Um ambiente violento, além de trazer insegurança por parte daqueles que lecionam e estão frente a frente com os alunos, traz também transtornos psicológicos, gerados pelo stress. Conviver com alunos violentos não é uma tarefa fácil de se enfrentar, mas como é preciso continuar a desenvolver com veemência a profissão, os professores se superam e dia após dia procuram ensinar com responsabilidade.

Acreditamos que a solução para a segurança escolar está nas múltiplas funções sociais que esse aluno se insere, desde a família, até a escola. Cada qual precisa fazer seu papel, o governo investindo para que as famílias tenha qualidade de vida, e a escola, não sendo repreensora, mas procurando encontrar meios de inserir este aluno, de forma a conquistá-lo.

CONCLUSÃO

Para compreendermos a violência praticada pelos alunos contra os docentes da rede pública de ensino no estado do Mato Grosso do Sul, é necessário realizar o estudo, o registro e a interpretação sem interferir na pesquisa.

Atualmente, no Brasil, cresce o número de publicações sobre o tema violência escolar, de alunos contra alunos, de alunos contra propriedade, havendo também algumas publicações sobre violência escolar do professor contra aluno. Mas verificamos, nas plataformas da Capes, que quase não se encontra produção relacionada ao tema violência contra professores. O assunto é de extrema urgência e delicado, fato que constantemente é veiculado pela mídia, trazendo medo e desesperança aos docentes. Não podemos cruzar os braços e ficar à mercê da violência, que desestimula e desvaloriza os profissionais da educação, empenhados em promover o ensino e a educação de crianças, adolescentes e jovens.

Procuramos analisar e refletir ações e atos que levam à violência nas escolas no período contemporâneo, abordando reflexões sobre a violência praticada pelos alunos contra os docentes na rede pública de ensino no estado de Mato Grosso do Sul.

As análises quantitativas mostraram que os professores sofreram violência física e foram ameaçados com uso de faca e uso de tesouras. Além disso, os docentes presenciaram um colega sendo agredido por aluno, brigas de alunos na sala de aula, chutes na mesa dos colegas de profissão. A violência física demonstra um ambiente de medo e insegurança, que além de trazer danos físicos ao professor, desencadeia transtornos psicológicos.

Com relação à idade escolar na prática da violência, o total foi a faixa etária de 12 a 15 anos, confirmando a predominância apontada pelos autores: estudantes do ensino fundamental com faixa etária de 10 a 12 anos e de 13 a 15 anos praticam violências. É nessa faixa etária que os estudantes estão entrando no período da adolescência e a realidade escolar pode assustar e causar estranhamento, pois algumas crianças não se sentem preparadas para respeitar as regras ou mesmo obedecer a pessoas que não são da família.

Observamos sobre os tipos de violências que os docentes sofreram nas escolas públicas de Mato Grosso do Sul, uma das que mais chamou atenção é a violência psicológica, resultando no afastamento dos docentes, devido a stress, à depressão e à ansiedade. De todos os tipos de violências (física, verbal, patrimonial e indireta), percebemos que ainda se torna predominante a violência verbal, por meio de agressões verbais, xingamentos, apelidos e depreciação. Ela é apontada como a mais grave, pois prejudica o psicológico do ser humano. Os professores tentam

resolver os conflitos através do diálogo, trabalhando o tema violência escolar em sala de aula, porém, não na profundidade que se almejam, em função da falta de segurança com um tema tão delicado.

Sobre a violência (crime), verificamos que os dados mostraram apenas alguns docentes que optaram por responder essa questão, fato que demonstra que a violência escolar, direcionada a professores, assusta, traz medo, insegurança e se torna algo complexo no cotidiano daqueles que buscam ensinar.

Assim, reforçamos que é preciso continuarmos a pesquisar sobre o tema em foco, levando direcionamentos aos governantes, a fim de se tentar melhorar a estrutura básica das escolas, das famílias e dos indivíduos. Não é suficiente olvidar esforços para resolver a questão da violência escolar apenas com policiamento nas escolas, mais do que isso, há a necessidade de favorecer e desenvolver condições básicas de vida, das estruturas familiares, do saneamento básico, da distribuição de renda e da educação. Deve haver uma cooperação mútua entre as famílias e o governo. Isso ficou bem caracterizado nas falas dos professores, quando afirmaram que a solução do problema seria a família, com quase da metade das respostas, e o governo, com quase 1/3 dos participantes.

Desse modo, diante de toda exposição, desejamos que esse trabalho, juntamente com outros, possa contribuir para fornecer subsídios a gerações vindouras.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, M. (2015). *Programa de prevenção à violência nas escolas violências nas escolas*. (pp. 1-21) Rio de Janeiro: FLACSO Brasil.
- Abramovay, M., Neto, M. F., Melo, R. V., Roca, M. E. V., Monteiro, C. D., Feffermann, M., Carvalho, L. F. (2012). *Conversando sobre violência e convivência na escola*. Flacso, Brasil.
- Abramovay, Miriam. (2006) *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: UNESCO, 2006.
- Abramovay, M. & Rua, M. G. (2002). *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO Brasil, Rede Pitágoras.
- Abramovay, M., Avancini, M., P. (2003) A violência e a escola: o caso brasil. In: conferência internacional de violência na escola, Québec. Anais... Québec: [s.n.], 2003.
- Almeida, R. J. A. (2012). Estudo de Ocorrência de Cyberbullying contra professores na Rede Social Twitter por meio de um algoritmo de classificação bayesiano. *Texto livre Linguagem e Tecnologia*, 5(1), 77-83.
- Araújo, M. J. P. (2016). Violência no Cotidiano dos Professores: Análise de suas Causas e Consequências. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 11(1), 221-231.
- Assis, S.G., Constantino, P., Avanci, J.Q. (2010). *Impactos da Violência na Escola*. Editora Fiocruz, 2010. Brasil.
- Bauer, M.W., Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Editoras vozes, Petrópolis, RJ. 2ª edição.
- Barros, A. J. S., &Lehfeld, N. A. S. (2007). *Fundamentos de metodologia científica*. (8a ed.) São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Batista, J. D., & Oliveira, D.D. (2012). *A violência de alunos contra professores: a representação da violência escolar*. (Projeto de Pesquisa). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.
- Boarini, M. L. (2017). Indisciplina escolar: uma construção coletiva. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 17(1), 123-131. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pee/v17n1/a13v17n1>
- Bonamigo, I. S., Tondin, C. F., Bortolossi, F., Seraglio, K. P., Schott, D. F., & Martinelli, M. (2011). Mapeamento de práticas violentas como dispositivo de intervenção da psicologia na escola. *Psicologia Argumento*, 30(70), 525-535. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20461/19719>

- Brasil Escola. (2018). *A violência em sala de aula: uma análise no 1º ano do ensino fundamental da escola municipal professor Dubas*. Recuperado de <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-violencia-sala-aula-uma-analise-no-1-o-ano-ensino-fundamental.htm>
- Brasil, (2006). 11.340/2006. Recuperado em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm.
- Brasil. Ministério da Educação. (2011). Prova Brasil: ensino fundamental – matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Camara, R.H. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 79-191. Recuperado <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>
- Campos, C.J.G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5):611-4. Brasília, DF. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>
- Carrara, S. (2009) Educação, diferença, diversidade e desigualdade. In: *Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Livro de conteúdo. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- Costa, J.B. D. O. (2011). *Adolescência e violência escolar: das representações sociais a propostas de prevenção*, (Tese de Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil.
- Cruz, F.M.L, & Maciel, M.A. (2018). *Excluir, Xingar, Bater. Sentidos de violência na escola segundo estudantes de Paraíba*. *Psicologia Escolar e Educacional*, 22(2), 291-300. Recuperado de doi.org/10.1590/2175-35392018025719
- Conass. (2009). *Violência: uma epidemia silenciosa*. 1ª edição. Ministério da Saúde. Brasília, DF. Recuperado em https://www.conass.org.br/conassdocumenta/cd_17.pdf.
- Dias, J., P., Garcia, L., M., Caramaschi, S. (2019). Assédio sexual: uma análise do conceito entre o público universitário feminino. *Educação em Debate*, Fortaleza, ano 41, nº 79.
- Endo, K. H., & Constantino, E. P. (2013). Representações sociais de professores sobre indisciplina no ensino médio e técnico. *Psicologia da Educação*, 36(1), 93-106. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752013000100009&lng=pt&tlng=pt
- Esteve, J. M. (1999). *O mal-estar docente – a sala de aula e a saúde dos professores*. (D. C. Cavicchia, Trad.) Bauru: Edusc.

- Faria, R., C., V., Ferreira, D., T., B., Pena, B., F. (2016). Assédio no contexto educacional: uma possibilidade de manifestação perversa. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, 16(1): 52-63, disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v16n1/05.pdf>
- Ferrari, F. (2004). *Estatística Básica: Método Científico*. Recuperado de <http://www.ferrari.pro.br/home/documents/FFerrari-Curso-Estatistica-Basica.pdf>
- Ferrari, F., & Araújo, R. S. (2005). O mal-estar do professor frente à violência do aluno. *Revista Mal-Estar*, 5(2), 261-280. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000200004
- Ferreira, A. C., & Santos, E. R. (2016). Representação social da indisciplina escolar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1), 199-208.
- Ferreira, I. V. P., & Cunha, M. M. (2013). Os professores e a violência: realidades e responsabilidades no ambiente escolar. *Revista Eventos Pedagógicos*, 4(2), 86-95.
- Figueiredo, F., & Matos, A. (2018). Agressão apoiada pelas tecnologias: o cyberbullying e o autocyberbullying. *Revista Interações*, 13(45), 119-150. Recuperado de <https://doi.org/10.25755/int.7137>
- Gasparini, S. M., Barreto, S. M., & Assunção, A. A. (2006). Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Caderno Saúde Pública*, 22(12). Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2006001200017>
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4a ed.). São Paulo: Atlas.
- Giordani, J.P., Sefnner, F. & Dell’Aglío, D.D. (2017). Violência Escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(1). Recuperado de <http://dx.doi.org/10>
- Gomes, M.J. (2012). Cyberbullying sobre os professores - uma realidade escondida. *Congresso Internacional TIC e Educação*, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal, II.
- Gonzaga, K. R. V., & Andrade, F. C. B. (2012). Lugar de fala: psicanálise e gestão docente da indisciplina. *Estudos de Psicanálise*, 38(1), 89-96. Recuperado de <http://www.cbp.org.br/n38a10.pdf>
- Gouvêa, L. A. V. (2016). As condições de trabalho e o adoecimento de professores na agenda de uma entidade sindical. *Revista Saúde e Debate*, 40(111), 206-219.
- Galtung, J. (1969). Violence, peace and peace research. *Journal of Peace Research*. Oslo, v.6.
- Higa, C. F. (2016). Assédio sexual no trabalho e discriminação de gênero: duas faces da mesma moeda? *Revista Direito GV*, v.12, N°2. Coxim, MS. <https://doi.org/10.1590/2317-6172201620>

- IBGE. (2013). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento e Gestão. Recuperado em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/pense_2012.pdf
- IBGE. (2015). Pesquisa Nacional da Saúde Escolar. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento e Gestão. Recuperado em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>
- KAY, H. H., WEST, M. S. Sex -based Discrimination: text, case and materials. Saint Paul: West Group, 2002.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B. & Lozano, R. (2002). Relatório mundial sobre violência e saúde Genebra: Retrieved from <http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf>
- João, A. L. S., João, B. M. S., & Portelada, A. F. S. (2011). Cyberbullying: a agressão através das novas tecnologias. *Revista de Psicologia, 1*(2), 127-13.
- Júnior, V., & Ferreira, V. (2012). *Cyberbullying: Um novo desafio presente no contexto educacional*. (Monografia). Licenciatura em Computação, Universidade Estadual de Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil.
- Levandoski, G., Ogg, F., & Cardoso, F. L. (2011). Violência contra professores de Educação Física no ensino público do Estado do Paraná. *Motriz, 17*(3), 374-383. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n3/01.pdf>
- Lima, A. F. T., Silva, V. M., Ceballos, A. G. C. (2017). Violência na escola e transtornos mentais comuns em professores. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental n°18* Porto, Portugal.
- Lira, A. (2016). *Indisciplina e violências: Como alunos adolescentes veem seus professores*. (Tese de Doutorado). Programa Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Lobato, V. S. (2016). Representações de docentes sobre violência nas escolas: um estudo em uma escola ribeirinha. *Margens Revista Interdisciplinar, 10*(14), 112-128.
- Lourenço, L. M., Pereira, B., Paiva, D. P., & Gebara, C. (2009). A gestão educacional e o bullying: um estudo em escolas portuguesas. *Revista Interações, 13*(1), 208-228. Recuperado em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/16927>
- Lyra, G. F. D., Assis, S. G., Njaine, K., Oliveira, R. V. C., & Pires, T. O. (2009). A relação entre professores com sofrimento psíquico e crianças escolares com problemas de comportamento. *Ciência & Saúde Coletiva, 14*(1), 435-444. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n2/a12v14n2.pdf>

- Luz, R., R., Schotten, N. (2016). O desafio das escolas públicas paranaense na perspectiva do professor. Governo do Estado do Paraná.
- Martins, L. C., & Luz, I. R. (2010). Cultura escolar e indisciplina: em busca de soluções criativas. *Psicologia da Educação*, 30(1), 43-56. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n30/n30a04.pdf>
- Marconi, M.D.A, Lakatos, E.V (2003). Fundamentos de Metodologia Científica. 5 edições, Editora Atlas, São Paulo.
- Massing, C.R. (2015). *Educação e Interface com a Rede de Proteção Social*. (Especialização). UFSM. Chapecó, Santa Catarina, Brasil.
- Mattos, F. A. S., Viana, S. S. A., & Gurgel, C. R. (2012). A violência contra professores: saberes e práticas. *Fórum Internacional de Pedagogia*, Campina Grande, PB, Brasil, IV. Recuperado <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/766ebcd59621e305170616ba3d3dac32.pdf>
- Melanda, F.N., Santos, G., Salvagioni, D. A.J., Mesas, A.E., González, A.D., & Andrad, S.M. (2018). Violência física contra professores no espaço escolar: análise por modelos de equações estruturais. *Cadernos de Saúde Pública*, 34(5), 1-12.
- Melo, C., L., M., Castillo, C., A., C., Fernanda, M., Godoy, S., Roa, P., N., U. (2013). Fatores associados à convivência escolar em adolescentes. *educ.vol.16 no.3 Chia*. Disponível em http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-12942013000300001&lang=pt
- Mendes, T. S. (2014). A Escola Brasileira como Vítima nas Agressões a Professores. *Textura*, 1(31), 156-179. Recuperado de <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/download/1086/918>
- Moreira, V., Monteiro, D.C (2010). O uso de instrumentos e procedimentos de pesquisa sobre crenças: promovendo formação reflexiva. *Trab. Linguista. Apl.* vol.49 no.1. Campinas SP, Recuperado em <https://doi.org/10.1590/S0103-18132010000100014>
- Moreira, A. S. G., Santino T. A., & Tomaz, A. F. (2017). Qualidade de Vida Professores do Ensino Fundamental de urna Escola da Rede Pública. *Ciencia & Trabajo*, 19(58), 20-25. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-24492017000100020>
- Moreira, B. B. (2014). *Cyberllying: o fenômeno do cyberbullying, a omissão legislativa brasileira sobre o tema e as consequências geradas por ela*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Direito, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, Brasil.
- Morra C. A. S. (2007). *Violência Escolar: A percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola*. São Paulo: Annablume.

- Núñez, C. P. P. (2015). *Violência contra professores da rede municipal de Porto Alegre: reflexões sobre a visão dos docentes*. (Monografia), Instituto de filosofia e ciências humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Oliveira, A. H. C. (2014). *Agressões e violências vividas nas escolas públicas*. (Monografia de Especialização). Universidade Estadual da Paraíba, Programa de Pós-Graduação Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, João Pessoa, PB, Brasil.
- Palhares, M. F. S., Schwartz, G. M. (2015). A violência. Editora Unesp, São Paulo. Recuperado <http://books.scielo.org>.
- Pappa, J. S. (2004). *A (in) disciplina e a violência escolar segundo a concepção de professores do ensino fundamental*. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista, São Paulo, SP, Brasil.
- Pereira, K. dos S. (2016). *Violência contra professores nas escolas*. Consultora Legislativa da Área XV Educação, Cultura e Desporto. Brasília, DF. Brasil. Recuperado de http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/areas-da-conle/tema11/2016-7221_violencia-contraprofessores-nas-escolas_katia-pereira-1
- Pigatto, N. (2010) A docência e a violência estudantil no contexto atual. *Ensaio: aval. Pol. públ. Educ.*, 18(67), 303-324. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n67/a07v1867.pdf>
- Pino, A. (2000). A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. In Placco, V. M.N.S. (Org.). *Psicologia & Educação: revendo contribuições*. São Paulo. EDUC.
- Priotto, E. P., Boneti, L. W. (2009). Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. *Revista Diálogo Educacional*, 9(26), 161-179.
- Rocha, K. M. M., Farias, G. M., Gurgel, A. K. C., Costa, I. K. F., Freitas, M. C. S., & Souza, A. A. M. (2012). Violência na escola vivida por professores, funcionários e diretores. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 13(5), 1034-1044. Recuperado de <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/4091/3196>
- Ristum, M. (2010). Violência na escola, da escola e contra a escola. In: S. G. Assis, P. Constantino, & J. Q. Avanci (Orgs.). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. (pp. 65-93). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Sánchez, V., Ortega, R. (2010). El estudio científico del fenómeno bullying. Agresividad injustificada, bullying y violencia escolar. Madri: Alianza,
- Santos, D.O.H.R, Taques, M.J, Levandoski, G. (2019). A violência no cotidiano escolar: um estudo envolvendo professores de Dourados-MS. *Publ. UEPG Appl. Soc. Sci.*, Ponta Grossa, 27 (2): 175-183, Recuperado DOI: 10.5212/PublicatioCi.Soc.v.27i2.0004
- Santos, E. R., & Rosso, A. J. (2012). A indisciplina escolar nas representações sociais de professores paranaenses. *Psicologia da Educação*, 34(1), 127-157. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/28047>

- Santos, H. (2016). *A violência presente nas relações entre alunos e professores no contexto escolar: um estudo bibliográfico*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Pós-Graduação em Educação e Direitos Humanos, Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil.
- Sebastião, J. (2009). Violência na escola: uma questão sociológica. *Revista Interações*. N 13, Santarém, PA.
- Schreiber, F. C. C., & Antunes, M. C. (2015). Cyberbullying: do virtual ao psicológico. *Boletim Acadêmico Paulista de Psicologia*, 35(88), 109-125. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1415-711X2015000100008
- Schenker, M., Minayo, M., C.; S. (2003). A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciênc. Saúde coletiva* [online]. 2003, vol.8, n.1, pp.299-306. ISSN 1413-8123. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232003000100022>.
- Silva, D. N. (2012). *A desmotivação do Professor em Sala de Aula nas escolas públicas do município de São José dos Campos*. (Monografia de Especialização). Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública Municipal, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- Silva, M., & Silva, A. (2018). Professores e Alunos: O engendramento da violência da escola. *Educação & Realidade*, 43(2), 471-494. Recuperado de <http://ref.scielo.org/8wv8rd>
- Silva, M. R., Bernartt, M. L. (2014). Violência contra os professores na greve do Paraná: “para não esquecer” “quando se fere um professor”. *Revista Pedagógica*, 16(32), 07-21. Recuperado de <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/download/2840/1644>
- Silva, A.H., Fossá, M.I.T. (2015). Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de dados qualitativos. IV encontro de ensino e pesquisa em administração e contabilidade, Brasília – DF.
- Soares, M. B. (2013). *Representações sociais de violência contra professores na escola*. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1327>
- Soares, M. B., & Machado, L. B. (2014). Violência contra o professor nas representações sociais de docentes. *Perspectiva*, 32(1), 333-354. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2014v32n1p333>
- Souza, E. R.; Minayo, M. C. S. (Org.). *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- Sposito, M. P., & Galvão, I. (2004). A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva*, 22(2), 345-380.

- Tambosi, S. S. V., Mondini, V. E. D., Borges, G. R., & Domingues, M. J. C. S. (2015). *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, 20(2), 167-183. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.18316/2236-6377.15.19>
- Tavares, P., A., Pietron, F., C. (2016). Fatores associados à violência escolar: evidências para o Estado de São Paulo. *Estud. Econ.*, São Paulo, vol.46, n.2,471-498. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0101-416146277ptf>
- Tostes, M. V., Albuquerque, G. S. C., Souza, M. J., & Peterle, R. R. (2018). Sofrimento mental de professores do ensino público. *Saúde debate*, 42(116), 87-99. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201811607>
- Weber, R. (1985). *Análise básica de conteúdo*. Beverly Hills: Editora Sage
- Wendt, G. W., & Lisboa, C. S. A. (2013). Agressão entre pares no espaço virtual: Definições, impactos e desafios do Cyberbullying. *Psicologia clínica*, 25(1), 73-87. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v25n1/05.pdf>
- Zampieri, R., C. (2013). *Manifestações psicossomáticas em universitários portugueses, a partir da identificação de sintomas de ansiedade, depressão e stress*. (Tese de mestrado). Universidade Metodista de São Paulo.
- Zedenik, H., Araias, T. S., Vale, R. S., & Guerra, E. P. M. (2016). Os Desafios da Escola no Enfrentamento e na Prevenção do Cyberbullying. *Anais do V Congresso Brasileiro de Informática na Educação*, Uberlândia, MG, Brasil.

APÊNDICE

Apêndice A - Construto sobre a relação entre professor e aluno

Construto contendo questões fechadas e abertas, a partir dos estudos de Levandoski, Ogg & Cardoso (2011). Com a preocupação de verificar como é a relação entre professor e aluno no ambiente escolar diante os possíveis episódios de violência nesta relação. Segue o quadro a seguir:

Quadro 1: Questionário aplicado aos docentes para obtenção da pesquisa em campo.

Idade: _____. Sexo: () Masculino () Feminino
 Estado civil: _____ Cidade em que leciona: _____
 Escola da rede: () Municipal () Estadual
 Qual disciplina você ministra: _____
 Tempo de atuação em anos: _____ Número de escolas em que trabalha: _____
 Carga horária semanal: _____. Possui pós-graduação: () SIM () NÃO
 Faz uso de tabaco () SIM () NÃO. Seu peso: _____ kg. Sua altura: _____ m.
 Possui filhos: () SIM () NÃO

As perguntas abaixo sobre a temática VIOLÊNCIA referem-se à relação Professor x Aluno vivenciado nos DOIS últimos anos letivos:

1. Você vivenciou ou vive algum episódio referente a “atos de violência” no ambiente escolar?

() SIM () NÃO

2. Você recebeu ou recebe insultos verbais de seus alunos?

() SIM () NÃO

2.1. Poderia relatar um exemplo do que ocorreu?

2.2. Estas situações aconteceram com que frequência semanal:

() 1 dia () 2 a 3 dias () 4 ou mais dias.

3. Você teve seus pertences roubados ou danificados e desconfia que sejam seus alunos?

() SIM () NÃO

3.1. Poderia relatar um exemplo do que ocorreu?

4. Você foi intimidado por algum aluno que portava arma de fogo ou branca?

() SIM () NÃO

4.1. Poderia relatar um exemplo do que ocorreu?

5. Você vivenciou ou vive algumas situações de extorsão, tendo que favorecer contra sua vontade algum de seus alunos a passar de ano ou favorecer seu desempenho?

SIM NÃO

5.1. Poderia relatar um exemplo do que ocorreu?

6. Você temeu por sua integridade física ao repreender por qualquer motivo algum aluno?

SIM NÃO

6.1. Poderia relatar um exemplo do que ocorreu?

7. Você teve receio de impedir uma situação de conflito entre os alunos por receio de sofrer represália por parte deles em outras oportunidades?

SIM NÃO

7.1. Poderia relatar um exemplo do que ocorreu?

8. Sentiu-se assediado (a) sexualmente por alunos (as) durante exercício da profissão?

SIM NÃO

8.1. Poderia relatar um exemplo do que ocorreu?

9. Existe algum espaço físico na escola onde você sente-se inseguro ou intimidado no momento?

SIM NÃO

9.1. Que lugar é esse?

10. Sentiu-se ameaçado com ao ponto de pedir segurança policial para entrar ou sair da escola?

SIM NÃO

10.1. Poderia relatar um exemplo do que ocorreu?

11. Você já tentou pedir ajuda a seus superiores?

SIM NÃO

11.1. Foi resolvido o problema?

()SIM ()NÃO

12. De forma geral, estas situações de medo, foram vivenciadas por quanto tempo?

() Um dia; () Uma semana; () um mês; () todo período que trabalhou nesta escola.

12.1. Estas situações são mais frequentes em qual período?

() matutino () vespertino () noturno

13. Em sua opinião qual é a pior idade dos alunos, ou ano/série de ensino para se trabalhar?

14. Você já solicitou afastamento para tratamento de saúde, ou procurou auxílio médico/psicológico em decorrência a problema com seus alunos?

() SIM () NÃO

14.1. Poderia relatar o que ocorreu?

15. Poderia descrever alguma situação marcante sobre a violência sofrida no ambiente escolar? _____

16. Em sua opinião, existe solução para o problema de violência na relação Professor x Aluno? Ou ainda, qual seria esta solução para coibir as ações de violência praticada por alunos?

ANEXO 1

CARTA DE APRESENTAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA L76 L7609I34
 DOURADOS
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO
 Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar e Saúde - GPEFES
dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/486343776197734

Dirigimos a Vossa Senhoria para sondar a possibilidade da autorização na participação de uma pesquisa sobre a temática da **Violência Escolar**, com objetivo de:

“VERIFICAR A INCIDÊNCIA DA VIOLÊNCIA SOFRIDA POR PROFESSORES NA RELAÇÃO COM OS ALUNOS NO AMBIENTE ESCOLAR”.

Esta pesquisa está sendo conduzida pelo **Prof. Dr. Gustavo Levandoski**, docente do curso de Educação Física e Professor do Mestrado em Psicologia, ambos da UFGD, chefe do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar e Saúde - GPEFES cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisas no Brasil.

Esta pesquisa foi apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética da UFGD, bem como os questionários de pesquisa são instrumentos que apresentam validação e estão publicados em periódicos de alta relevância acadêmica.

Gostaria de reforçar que a pesquisa faz parte do Programa de Iniciação e do Projeto de Dissertação de Mestrado do Psicólogo SANDRO RAMOS PAIVA, o que estarão encontrando em contato com vossas senhorias para autorização do estudo.

Gostaríamos de solicitar a autorização para que o estudante SANDRO RAMOS PAIVA possa abordar os professores em local determinado pela direção para receber o questionário impresso ou o link do questionário on-line que pode ser respondido através do celular.

Finalizando queremos reforçar nosso compromisso e disponibilidade para retornar com a divulgação dos dados através de uma palestra em data oportuna a ser combinada com a direção da escola, ou ainda sanar qualquer dúvida relativa à pesquisa através do contato gustavolevandoski@ufgd.edu.br.

Agradecemos a cordialidade em nos receber.

Atenciosamente

Prof. Dr. Gustavo Levandoski
 Docente do curso de Educação Física
 Professor Permanente do Mestrado em Psicologia
 Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD

ANEXO 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Professor Dr. Gustavo Levandoski, estou convidando (o Senhor, a Senhora, você) a participar de um estudo intitulado “**Violência e Bullying na Escola**”. Com a obtenção desse conhecimento, pode-se refletir e sugerir através de políticas públicas, a criação de normativas que possibilitem melhorar as condições de vida a população em seu local de trabalho.

- a) O objetivo desta pesquisa é verificar o índice de violência na relação professor-aluno, informada por professores que atuam no ensino fundamental, médio e superior.

- b) Caso você participe da pesquisa, será necessário que durante um tempo livre seja respondido o questionário, que investigará sobre situações cotidianas em o seu dia de trabalho.

- c) Possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação como constrangimento, desconforto, estresses e cansaço ao responder o questionário poderão ser minimizados sendo conduzidos em ambiente adequado e por profissionais treinados.

- d) O pesquisador responsável (**Gustavo Levandoski**) pelo estudo poderá ser contatado para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo, a qualquer horário e dia da semana. Telefone: **(67) 99814-xxxx** ou através da conta eletrônica: **gustavolevandoski@ufgd.edu.br**, ou pessoalmente na Faculdade de Educação- Unidade 2 da UFGD, Rodovia Dourados - Itahum, Km 12; ou ainda diretamente no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Rua Melvin Jones, 940 – Jardim América, Dourados – MS. CEP 79803-010, E-mail: CEP@ufgd.edu.br, fone: (67) 3410-2853).

- e) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

f) As despesas necessárias para a realização da pesquisa (impressão das cópias do questionário) não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro.

g) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código, tendo assegurado suas garantias de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa conforme previsto na Resolução Nº 466/12.

Eu, _____ sob RG _____, domiciliado na Rua, _____ nº _____, cidade: _____ (*assino em duas vias, onde uma ficará com o participante e outra com o pesquisador*), li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

(Assinatura do sujeito de pesquisa)

Local e data

Assinatura do Pesquisador